

PERDOA-ME POR ME TRAÍRES

TRAGÉDIA DE COSTUMES EM TRÊS ATOS

POR NELSON RODRIGUES

(1957)

PERSONAGENS:

**NAIR
GLORINHA
POLA NEGRI
MADAME LUBA
DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA
MÉDICO
ENFERMEIRA
TIO RAUL
GILBERTO
TIA ODETE
CECI
CRISTINA
JUDITE
MÃE
IRMÃOS**

Atenção: Texto distribuído em caráter puramente de uso e leitura PESSOAL. Todos os direitos reservados aos detentores legais dos direitos da obra. Para a representação e comercialização legal da peça, entrar em contato com os órgãos competentes, como a Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais - SBAT (www.sbat.com.br). O site www.oficinadeteatro.com não se responsabiliza pelo uso irresponsável do texto.

PRIMEIRO ATO

(Nair e Glorinha estão na porta de Madame Luba, ambas vestidas de colegiais, uniforme cáqui, meias curtas, cabelo rabo de cavalo, pasta debaixo do braço. Glorinha vacila e a outra insiste)

NAIR

Vem ou não vem?

GLORINHA

Tenho medo!

NAIR

De quem, carambolas? Medo de quê?

GLORINHA

(Suspirando) — De algum bode.

NAIR

Já começa você. Que bode?

GLORINHA

Sei lá! *(mudando de tom)* E se o meu tio sabe?

NAIR

Espia: não foi você mesma, criatura, que me pediu pra te trazer?

GLORINHA

Pedi, mas... É o tal negócio. Você não conhece meu tio.

NAIR

Conheço, até de sobra!

GLORINHA

Duvido! Não te contei...

NAIR

Um chato!

GLORINHA

... Te contei que, outro dia, só porque cheguei atrasada uma meia hora, ou nem isso, uns 15 minutos talvez — ele me deu uma surra tremenda? E disse mais: que, na próxima vez, me mata e mata mesmo!

NAIR

Conversa! Conversa!

GLORINHA

Pois sim! Eu que não abra o olho!

NAIR

Mas ele não vai saber! Saber como? *(baixa a voz)* Só essa vez, está bem?

GLORINHA

(Tentada) — Vontade eu tenho, te juro!

NAIR

Faz, então, o seguinte, olha: tu entras um instantinho só. Eu te apresento a Madame Luba que é lituana, mas uma simpatia!

GLORINHA

E que mais?

NAIR

Tu dizes que, infelizmente, não podes, por isso, por aquilo, inventa uma desculpa. E cai fora... Mas se não fores, quem fica mal sou eu, porque prometi, batata, que te levava!

GLORINHA

Eu vou, mas fica sabendo: não me demoro nadinha!

NAIR

Você não sabe o que quer, puxa!

(Nair e Glorinha na sala de Madame Luba. Em cena, Pola Negri, garção típico de mulheres. Na sua frenética volubilidade, ele não pára. Desgrenha-se, espreguiça-se, boceja, estira as pernas, abre os braços)

POLA NEGRI

Salve ela!

NAIR

(Para Glorinha) — Esse aqui é o Pola Negri, liga pra chuchu! Um número!

GLORINHA

(Atônita) — Muito prazer.

POLA NEGRI

(Para Nair) — É essa? *(gira em torno da espantada Glorinha)*

NAIR

Dá tua opinião.

POLA NEGRI

Legal!

NAIR

Não é?

POLA NEGRI

(Cotuca Nair) — Madame deve estar estourando por ai. *(sem transição, para Glorinha)* Manequim 42.

GLORINHA

(Intimidada) — Exato.

POLA NEGRI

(Para Nair) — Sou batata!

NAIR

Eu tenho mais quadris!

POLA NEGRI

Idade, mais ou menos, uns 17.

NAIR

Quase!

GLORINHA

16.

POLA NEGRI

Melhorou. Assim é que é bom: 16, 15, 14... *(sem transição, para Glorinha)* Nervosa?

GLORINHA

(Fora de si) — Mais ou menos.

NAIR

Uma pilha.

POLA NEGRI

(Otimista) — Mas passa.

NAIR

Questão de hábito.

GLORINHA

(Para Pola Negri) — É que estamos com pressa. Você fica? Vou-me embora, Nair!

NAIR

(Autoritária) — Sossega o periquito! Primeiro fala com Madame Luba!

GLORINHA

Meu tio me mata!

POLA NEGRI

Pronto, aí vem Madame!

(Madame Luba é uma senhora gorda, imensa, anda gemendo e arrastando os chinelos. Dá a impressão de um sórdido desmazelo)

MADAME LUBA

(Melíflua) — Como vai, Nair? Como está passando? *(fala com Nair mas não tira os olhos de Glorinha)*.

NAIR

Bem. E a senhora?

MADAME LUBA

(Com violento sotaque) — Eu sempre vou muito bem, nunca ter uma dor de dentes...

NAIR

Trouxe-lhe aqui...

MADAME LUBA

Oh, sim, seu colega de colégio, Glorinha!

GLORINHA

(Em brasas) — Estou abafada, Madame!

NAIR

(Falando quase simultaneamente) — Está com chuva não molha!

MADAME LUBA

(A Glorinha) — Sem motivo, não há motivo. Cadeiras, Pola Negri! Oh, por que não sentam? Eu não quero cerimônia no meu casa. Pola Negri traz biscoitinhos, licorzinho! *(para Glorinha)* Eu podia ser sua mãe!

GLORINHA

Eu tenho que ir, Madame! Estão-me esperando... Nair me falou, agradeço muito, mas é que eu não posso, infelizmente...

NAIR

(Para Madame) — Ela que, depois não quer! *(para Glorinha)* Parei contigo!

MADAME LUBA

Eu compreendo, mas não precisa ficar nervosa... Não é bicho de sete cabeças... E tome seu licorzinho... Eu não obrigo ninguém... No meu casa tudo espontâneo...

GLORINHA

(Põe o cálice em qualquer lugar) — Então, já vou, sim?

MADAME LUBA

(Levantando-se) — Um momento!

GLORINHA

(Perturbada) — Imagine se meu tio sabe que fiz gazeta!

MADAME LUBA

Gazeta não tem importância...

GLORINHA

Não posso, Madame!

MADAME LUBA

(Erguendo a voz com inesperada autoridade) — Senta, menina! Você fedelha, eu não sou criança!

GLORINHA

(Numa explosão) — E se a polícia entra aqui?... Se leva todo mundo e se, depois, meu tio vai me buscar no distrito?... Madame, meu tio me mata a pauladas, juro à senhora! *(rebenta em soluços)*.

POLA NEGRI

A polícia aqui não pia!

MADAME LUBA

A polícia está no meu mão! Eu tomei meus providências! Pola Negri, conta ela o meu esperteza!

(Glorinha chora)

NAIR

(Furiosa) — Sua burra, vê se, pelo menos, escuta!

GLORINHA

(Para Nair, num repente) — Você me paga!

POLA NEGRI

(Começa a falar com grandes atitudes, rasgando gestos imensos, com mil e uma inflexões) — O negócio é cem por cento. Presta atenção e vê como Madame Luba soube cranear o troço. Em primeiro lugar, aqui só entra deputado, quer dizer, freguês com imunidades. Te pergunto — a polícia vai prender um deputado? Com que roupa? E, além disso, isso aqui não é casa de mulheres araqueadas. Só trabalhamos com meninas, de 15, 16 e até 14, de família batata!

MADAME LUBA

Viu?

POLA NEGRI

(Cínico) — Por exemplo: tu, o teu caso!

GLORINHA

Eu?

POLA NEGRI

És de família ou não és?

GLORINHA

Sou.

POLA NEGRI

Natural! Bola só um negócio: se, por um acaso, por uma hipótese, a polícia entrasse aqui, já imaginaste o escândalo? Ia-se saber que há uma casa, nessas e nessas condições, vê bem: uma casa infanto-juvenil, que oferece alunas dos melhores colégios, a fina flor de 17 anos para baixo, as filhas de famílias fabulosíssimas... vêm aqui, por dinheiro... *(dá uma gargalhada esganiçada)* São pagas! Pagas!

NAIR

Manjaste?

POLA NEGRI

E pagas por quem? Por algum fichinha? Por Suas Excelências! Isso em plena Capital da República Teofilista! Por isso eu te digo e Nair sabe: Madame usou a cabeça! Nesta casa vive-se tropeçando em imunidades!

MADAME LUBA

Eu ter o intelectual muito desenvolvido!

NAIR

Vou-te dizer outra coisa, que nunca te contei: só lá do colégio passaram por aqui umas dez... ou talvez mais. Por essa luz que me alumia, no mínimo, dez!

GLORINHA

(Mais segura de si e mais dissimulada) — Madame, eu compreendo, mas comigo dá-se o seguinte: eu vivo muito presa. Por que meu tio...

NAIR

(Violenta) — Que máscara é essa?

GLORINHA

Por que máscara?

NAIR

Máscara sim senhora! *(para Madame)* Madame, Glorinha tem duas caras! *(a Glorinha)* E aquela farra que nós fizemos, nós duas, sim!

GLORINHA

Sei lá de farra! Quando?

NAIR

No carnaval, esse que passou! *(para Madame)* Madame, fomos uma turma ao apartamento de um cara. E lá, sabe como é: bebemos e pintamos o caneco. A Glorinha estava com uma fantasia sem alça, em cima da pele! *(para Glorinha)* Veio um engraçadinho e, pelas costas, te puxou o fecho *eclair* até embaixo! *(para Madame)* Ficou pelada, Madame!

GLORINHA

(Veemente) — Madame, eu estava de pileque, Madame! Tinha cheirado lança-perfume, tanto que nem me lembro!

NAIR

Ainda tem coragem de falar em pudor!

GLORINHA

Olha, até agora não passei do beijo!

NAIR

Muito cínica!

GLORINHA

Você é que é mascarada!

MADAME LUBA

Ah, não vamos perder tempo! O menina tem razão — beijo não tirar pedaço. Você não correr perigo: só beijinho, só brincadeira... Você poder casar depois, com véu e grinalda... Não ter conseqüências...

POLA NEGRI

(*Para Madame*) — O Excelentíssimo está com hora marcada. Pergunta como é.

MADAME LUBA

Está quase. Não vai demorar. (*para Nair*) Vamos resolver o situação. Eu não fazer papel sujo.

NAIR

(*Resoluta*) — Pode deixar, Madame. (*face a face com Glorinha*) Vamos liquidar a questão. É o seguinte: você mesma disse que queria vir, combinou tudo comigo e em cima da hora quer dar pra trás. Agora é tarde não tem escapatória.

GLORINHA

Mudei de opinião.

NAIR

Azar o teu. Olha: tem um deputado aí, que é tarado, maluco por ti.

GLORINHA

(*Atônita*) — E me conhece?

NAIR

Te conhece.

POLA NEGRI

(*Ao ouvido de Glorinha*) — Um mão aberta!

GLORINHA

Conhece de onde?

NAIR

Te viu várias vezes. Capaz de te arranjar um *big* emprego num Instituto desses. Pra Ivonete arranjou um emprego. Arranja pra ti, com o pé nas costas.

GLORINHA

Ora veja... E como é o nome dele?

NAIR

O Dr. Jubileu de Almeida.

GLORINHA

(*Recuando em Pânico*) — Mas logo esses? Que mudou para a minha rua? Que está morando na minha rua?

NAIR

(*Taxativa*) — Pois é: esse.

GLORINHA

(*Desesperada*) — Você está maluca? Bebeu? (*trincando os dentes*) Nem vizinho, nem parente! Nunca!

NAIR

Agora é tarde, porque o homem está aí, te esperando, há uma hora!

POLA NEGRI

Sua boba, Te arranja uma boca rica num Instituto!

GLORINHA

(*Feroz*) — Vizinho, não!

MADAME LUBA

(*Investe com insuspeitada violência, grita, enchendo o palco a sua voz. A sua cólera é sincera*) — Não grita! No meu casa só eu grita! Na Lituânia eu tive tua idade, eu tinha tua cinturinha, eu tinha teu corpinho... E eu vivia! Eu, curiosa de Carícia! Mas tu não querer vibrar, menina. Oh, tu não tem vida! (*brusca e selvagem*) Chama o tio dessa menina! Chama o tio! Telefone!

GLORINHA

Não!

NAIR

Vou telefonar sim!

GLORINHA

(*Num apelo*) — Você é minha amiga, Nair!

POLA NEGRI

Topas?

NAIR

Sim ou não?

GLORINHA

(*Soluçando*) — Mas eu devo fazer o quê? Afinal, nem sei!

NAIR

(*Aliciante*) — Simples como água! Não é nada do arco-da-velha: olha, pra mim é café pequeno e eu nem dou pelota. (*vaga*) Basta que você seja camarada do homem e nada mais. Te juro que não vai ter conseqüência nenhuma... Velho que não se agüenta em pé...

MADAME LUBA

Leva o menina no quarto, Pola Negri!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

Eu estou aqui. (*de fato acaba de aparecer, na porta, o deputado Jubileu de Almeida, velho, velhíssimo.*) (*paternal*) Pode deixar a menina, Pola Negri!

MADAME LUBA

O menina muito manhosa, deputada!

POLA NEGRI

De morte!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Aproxima-se. Inclina-se diante de Glorinha) — Olhe para mim, assim. Enxuga essas lágrimas e vamos conversar. Pode usar o meu lenço, está limpo. *(entregou o lenço a Glorinha)* *(para Madame)* Sabia que eu e Glorinha — seu nome é Glorinha, pois não? — que eu e Glorinha somos vizinhos, Madame?

MADAME LUBA

Oh, não sabia!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

Pois, é. E, agora, por obséquio, eu queria ficar a sós com a Glorinha. *(para Glorinha)* Tem confiança em mim?

GLORINHA

(Assoando-se) — Mas ou menos.

(Saem os outros)

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

Mas você vai-me prometer uma coisa: que não chora mais. Promete?

GLORINHA

Prometo.

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

Assim é que eu gosto. E uma coisa: sua mamãe ainda vive?

GLORINHA

Morreu.

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Contendo-se) — Viu como eu não lhe faço nada? Sou seu admirador, mas estamos aqui, conversando, normalmente. Sua mãezinha morreu e... Tem pai?

GLORINHA

(Sem ouvi-lo, crispada) — Minha mãe matou-se!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

Ora veja!

GLORINHA

Quando eu tinha dois anos. Meu pai, então, enlouqueceu de desgosto e meu tio tomou conta de mim.

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Passa a mão pelos cabelos de Glorinha) *(Começando a ofegar)* — Desde que me mudei, que vejo você todos os dias... Você tem um corpinho que... E a pele sem uma espinha, uma mancha. *(trêmulo)* As meninas têm, realmente, um cheiro de menina... *(muda de tom)* Quer dizer que você

nem conheceu sua mãe... *(exaltando-se e já sem controle das próprias palavras)* Mas deve ter retratos, lembranças! *(agarra-se a Glorinha)*

GLORINHA

O senhor está-me apertando!

(Não há a menor conexão entre o que o Dr. Jubileu diz e o que o Dr. Jubileu faz)

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Ofegante) — Sabe datilografar? Te arranjo um lugarzinho, aumentamos a tua idade, juro, arranjo sim, arranjo. Mas olha: não repare no que eu disser, não... *(súbito põe-se a berrar como um possesso. Fora de si)* As duas modalidades de eletrização que podemos observar nos corpos correspondem às duas espécie de carga elétrica encontrada no átomo! *(mudando de tom, num apelo soluçante)* Não se mexa: fique assim!

GLORINHA

(Num repelão selvagem) Me largue! O senhor está maluco!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Arrasta-se de joelhos e, de joelhos, a escorrer suor, persegue a pequena) — Não interrompa! Não me interrompa!

GLORINHA

(Enfurecida) — Velho gagá! *(pula mesas, cadeiras)*

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Num enorme lamento) — Eu não posso ser interrompido!

GLORINHA

(Num berro) — Não quero, já disse!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Arquejante) — Por quê?

GLORINHA

(Atrás de um móvel) — Tenho que ir!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Quase chorando) — Mas isso não é argumento! Façamos o seguinte: — mais uns dez minutos, ou cinco. Cinco, está bem? *(numa lamúria infinita)* Cinco, filhinha, cinco! Te dou tudo, tudo... *(Glorinha está encostada à parede, sem poder fugir)* Tens raiva de mim? Eu não te fiz nada. O que foi que eu te fiz?

GLORINHA

Nada... Mas se meu tio sabe que eu vim aqui, que estou aqui...

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

Seja boazinha, camarada! *(segura-a pelos dois braços. Berra convulsivamente)* — Vimos que o núcleo do átomo se apresenta, ai, ai, ai! se apresenta constituído de prótons... O

núcleo do átomo, o núcleo do átomo, OH, o núcleo do átomo... Constituído de prótons, o núcleo do átomo...

(Glorinha desprende-se num repelão selvagem. O outro persegue-a, trôpego, nos seus apelos frenéticos)

GLORINHA

Sujo! Indecente!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

Escuta: eu te falo de longe, não me aproximo, juro! Não toco em ti! Já sei o que te assusta: são essas coisas que eu digo não é?

GLORINHA

(Num soluço) — Quero ir-me embora!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

Mas olha: essa coisa que eu falo é um simples ponto de Física, compreendeste? Eu tenho que dizer um ponto de Física ou não sou homem, não sou nada! Na minha casa eu não posso fazer isso... *(arquejante)* Um ponto de Física... Mas se não queres ouvir, tu tapas os ouvidos pronto! *(quer-se aproximar de Glorinha mas esta ameaça-o)*

GLORINHA

Não velha que eu grito!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Entrega-se a um acesso de furor. Encaminha-se em direção à porta) (gritando) — Pola Negri! Pola Negri!

POLA NEGRI

(Acudindo) — Chamou, Excelentíssimo?

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Frenético) — Vem cá, Pola Negri. Que negócio é esse, afinal de contas?

POLA NEGRI

Que foi que houve?

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

Essa menina, se está aqui, é porque é uma depravada, uma corrompida... *(muda de tom) (choramingando, estende as duas mãos crispadas)* ... mas não quer nada comigo, Pola Negri! *(novamente agressivo)* Pensa talvez que eu sou algum borra-botas! Diz-lhe quem eu sou!

POLA NEGRI

Ela sabe, Excelentíssimo!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Sem ouvi-lo) — Diz que os jornais me chamam de reserva moral! Explica, também, que eu sou professor catedrático!

POLA NEGRI

Dou um jeitinho nela, já, já. *(avança para Glorinha, que recua).*

GLORINHA

(Feroz, para Pola Negri) — Você não é homem!

POLA NEGRI

Sua gata!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Num apelo objeto) — Segura, Pola Negri! Segura!

POLA NEGRI

(Dá um bote e agarra solidamente a menina. Subjugada pelas costas, os braços para trás, Glorinha está indefesa). Pronto, Excelentíssimo.

GLORINHA

(Enlouquecida) — Te cuspo na cara!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Está a alguns metros de distância) (balbuciante) — Gostas de mim, meu anjinho?

GLORINHA

(Frenética) — Tenho nojo!

POLA NEGRI

Gosta sim, Excelentíssimo! Pode crer que gosta!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Delirante) — Gosta, Pola Negri, ela gosta? *(e súbito, o deputado põe-se a berrar)* O núcleo envolvido por elétrons livres! *(soluça)* Elétrons, o átomo, o átomo! *(suplicante para Pola Negri)* Continua dizendo que ela gosta de mim, Pola Negri, mas não pára, sem parar!...

POLA NEGRI

(Mecanicamente) — Gosta, ama, adora, sim, gosta muito!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(No auge) — Um átomo pode perder ou receber elétrons na sua periferia e essas operações destroem o equilíbrio entre as cargas dos prótons e a dos elétrons periféricos...

(Finalmente, o Dr. Jubileu cai de joelhos, porque alcança o máximo da tensão. Assim de joelhos, mergulha o rosto nas duas mãos e tem um soluço interminável, grosso como um mugido. Sincronizado com o deputado, Pola Negri dispara as palavras)

POLA NEGRI

Gosta, perfeitamente, gosta, adora, ama, adora!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Por entre gemidos) — Ah, se minha mulher me visse aqui, ai, ai, ai, se minha mulher me visse aqui, uai, se me visse! Minha mulher é neta de barões! Minha mulher!

POLA NEGRI

Continua, Excelentíssimo?

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

Chega, Pola Negri, chega!

POLA NEGRI

Vou largar essa chorona!

(Empurra Glorinha. Levanta-se o Dr. Jubileu, assistido por Pola Negri. Glorinha, livre de Pola Negri, atira-se em cima de uma cadeira, aos soluços. Entram Nair e Madame Luba. Nair corre para Glorinha e Madame Luba para o Deputado)

NAIR

(Para Glorinha) — Viu como foi barbada?

MADAME LUBA

(Para Pola Negri) — O coramina do deputada!

GLORINHA

(Ainda soluçante) — Eu me assustei!

NAIR

É pinto!

MADAME LUBA

(Melíflua) — Cansadinha, doutor?

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Caindo aos pedaços) — Já não sou criança! *(toma a coramina que lhe dá Pola Negri)*

NAIR

Finalmente te convenceste de que não é nenhum bicho de sete cabeças?

GLORINHA

Estou zozna!

NAIR

Estão falando de ti!

GLORINHA

Acho que fiz um papelão!

(De fato, Madame Luba e o Dr. Jubileu, que cochichavam, falam agora mais alto)

MADAME LUBA

O menino valer a pena?

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

Em termos.

MADAME LUBA

Não valeu a pena, deputada?

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

Meio sem sal, água com açúcar. *(baixo para Madame, junto à porta)* Interrompe muito. E, na minha idade, Madame, não posso ser interrompido. *(enfático)* Não devo ser interrompido! Ela é uma questão de treino, talvez de adaptação, quem sabe? *(faunesco)* Mas interessa!

NAIR

(Cochichando para Glorinha) — É um negócio da China: quinhentão por vez!

DEPUTADO JUBILEU DE ALMEIDA

(Para Madame) — Manda vir, amanhã às onze horas da manhã... E já vou... tenho que ir... *(sai)*

GLORINHA

(Dirige-se para Madame, ainda nervosíssima) — Estou tão sem graça, Madame! Tive tanto medo que, imagine a senhora, não foi Pola Negri? até xinguei o deputado, Madame!

MADAME LUBA

O deputado não levar mal! *(muda de tom, para Nair)* Tu amanhã não vem, por causa do tal negócio. *(para Glorinha, com inesperada autoridade)* Mas tu vem! Onze horas aqui!

GLORINHA

(Em pânico) — Eu?

NAIR

Mata o colégio e vem!

MADAME LUBA

(Grita, possessa) — Menina, eu não admito desobediência no meu casa! No meu casa, manda eu! *(crescendo para Glorinha)* Ou tu vem ou tu apanha um câncer na língua! Agora pode ir!

POLA NEGRI

Onze horas em pontinho!

MADAME LUBA

Dinheiro, só amanhã. Paga amanhã.

GLORINHA

(Corrida) — Madame, vou fazer todo o possível!

MADAME LUBA

Olha o meu praga!

(Saem, uma e outra, como duas escorraçadas. Permanecem em cena Pola Negri e Madame Luba)

POLA NEGRI

Abre o olho, Madame, que são duas araqueadas!

MADAME LUBA

Oh, não há perigo! Quem me faz, paga! Mas não falar assunto chato, Pola Negri! Falar coisas bonitas. Eu quero dormir, Pola Negri... Oh, há 15 dias eu sonhar, todo dia, com cavalinho de *carroussel*., Eu deita, fecha os olhos e é batata: só sonhar com cavalinhos de *carroussel*... Oh, não querer barulho! Desliga o telefone!

(Escurece a sala de Madame. De novo Nair e Glorinha)

GLORINHA

Ainda vou ver se é negócio, se não é! Ah, se não fosse o meu tio, o diabo do meu tio! Bem, e agora vou correndo, chispada!

NAIR

Espera!

GLORINHA

Que é que há?

NAIR

(Crispa a mão no braço de Glorinha) — Tenho uma bomba pra ti!

GLORINHA

Pra mim?

NAIR

E vais cair dura para trás. Dura!

GLORINHA

Diz logo!

NAIR

Estou grávida!

GLORINHA

(Estupefata) — Mentira!

NAIR

Sob a minha palavra de honra e quero que Deus me cegue se minto!

GLORINHA

Tua família sabe?

NAIR

Isola!

GLORINHA

Ou será rebate falso?

NAIR

Batata! Fiz tudo quanto é exame e não tem castigo: estou mesmo!

GLORINHA

(Fascinada) — Então você facilitou! Mas não se nota, não se percebe!

NAIR

Dois meses só. Imagine: a minha empregada, que põe fora um filho por mês, me ensinou uma porção de troços. Fiz...

GLORINHA

E não adiantou?

NAIR

Nada absolutamente.

GLORINHA

Vais tirar?

NAIR

Depende.

GLORINHA

Como depende?

NAIR

De ti.

GLORINHA

Por que de mim?

NAIR

Vamos sentar ali.

(Sentam-se. Nair toma, entre as suas, as mãos de Glorinha)

GLORINHA

Fala.

NAIR

Você sempre não disse que achava a morte de sua mãe linda? Não disse?

GLORINHA

Disse.

NAIR

Você se fartou de dizer, no colégio, que achava sem classe nenhuma essas mortes por doença, velhice ou desastre. Você queria morrer assim como sua mãe: moça, bonita, tomando veneno. Minto? Responde!

GLORINHA

É isso mesmo!

NAIR

(Num transporte) — Terias coragem?

GLORINHA

De quê?

NAIR

(*Sôfrega*) — De morrer como tua mãe? (*põe a mão no peito*) Mas comigo, em minha companhia, nós duas abraçadas?

GLORINHA

(*Com pungente espanto*) — Morrer contigo?

NAIR

(*Sofrida, veemente*) — Não achas legal um pacto de morte? É fogo, minha filha, fogo! (*baixo e ardente*) Eu morreria agora, neste minuto se... (*crispada de medo*) Porque eu não queria morrer sozinha, nunca! (*com voz estrangulada*) O que mete medo na morte é que cada um morre só, não é? Tão só! É preciso alguém para morrer conosco, alguém! Te juro que não teria medo de nada se tu morresses comigo!

GLORINHA

(Num protesto feroz) — Não!

NAIR

(*Quase chorando*) — Eu não precisaria tirar o filho, não precisaria fazer a raspagem. (*baixo e aliciante*) E até já imaginei tudo, vê só: agente entra num cinema e, lá, no meio da fita, toma veneno, ao mesmo tempo. E quando acenderem a luz, nós duas mortas... Estão levando um filme de Gregory Peck...

GLORINHA

De Gregory Peck? Que ótimo!

NAIR

(Num apelo de todo o ser) — Queres? Tua mãe não se matou?

GLORINHA

(*Transida de medo*) — Tenho medo!

NAIR

Tens medo de tudo!

GLORINHA

(*Fremente*) — De tudo! Eu queria ir à casa de Madame Luba e te digo: tomei um banho caprichado, perfumei o corpo, me ajeitei toda e, na hora, fiz aquela vergonha... E quando estou namorando — vem o medo outra vez... (*com um esgar de choro*) medo não sei de quê...

NAIR

De teu tio, ora!

GLORINHA

(*Dolorosa*) — Do meu tio? Sim, do meu tio!

NAIR

Ou não é?

GLORINHA

Tenho mais medo do meu tio do que da morte. (*agarra-se a Nair*) É ele que me impede de morrer contigo, no cinema... Na Madame Luba só pensava nele...

NAIR

(*Enfurecida*) — Se eu fosse tu, só dormia trancada à chave, por causa do teu tio!

GLORINHA

(Num terror) — Já vou!

NAIR

(*No seu medo feroz*) — Não vai, não senhora! Fica comigo. Vai ao médico comigo!

GLORINHA

E a hora?

NAIR

É cedo!

GLORINHA

Tarde. E, além disso, eu não posso ver sangue!

NAIR

(*Desesperada*) — Ou você pensa que eu vou sozinha a esse médico? Tenho medo da dou e posso morrer, não posso? (*sôfrega*) Dizem que o perigo é a perfuração, o perigo. Oh, meu Deus! (*selvagem*) Te chamei para morrer comigo e não quiseste! (*de novo suplicante*) Pelo menos isso, não custa. Quero ter alguém comigo, alguém segurando a minha mão! E se eu morrer, quero que tu me beijes, apenas isso: quero ser beijada; um beijo sem maldade, mas que seja beijo!

GLORINHA

(*Subitamente doce, depois de uma pausa*) — Irei contigo! Te levarei! (*fusão com o consultório do fazedor de anjos. Sentadas, mocinhas escuras e apavoradas, que parecem criadas domésticas*)

ENFERMEIRA

(*Como no barbeiro*) — Primeira!

GLORINHA

É você!

NAIR

(*Atônita*) — Já?

GLORINHA

(*Cotucando-a*) — Anda!

NAIR

(Num apelo) — Vem também! (estacam diante da Enfermeira)

ENFERMEIRA

É você ou ela?

GLORINHA

Ela!

NAIR

(Sofrida) — Da parte de Madame Luba.

ENFERMEIRA

Ah, sim. O Pola Negri telefonou. (para Glorinha) E você?

GLORINHA

Acompanhante.

NAIR

Estou nervosíssima e queria que minha amiga assistisse...

ENFERMEIRA

Entre ali, meu bem.

NAIR

(Voltando-se) — Vai doer?

ENFERMEIRA

Pouco.

NAIR

(Com fervor) — Tomara.

(O médico aparece, chupando tangerina e expelindo os caroços)

MÉDICO

Vamos entrar!

ENFERMEIRA

(Para ele) — Pessoal de Madame Luba!

NAIR

(Para Glorinha) — Reza por mim!

MÉDICO

Muita gente na sala?

ENFERMEIRA

(Para Nair) — Por aqui, meu anjo. (para o médico) Bastante. Umas dez. (trevas. No palco apenas iluminados os quatro rostos: do Médico, da Enfermeira, de Glorinha e de Nair)

MÉDICO

(Para Glorinha) — Se impressiona com sangue?

GLORINHA

Mais ou menos..

MÉDICO

Então não convém assistir. É melhor não assistir.

NAIR

(Num apelo) — Ela não olha, doutor!

GLORINHA

Fico de costas!

NAIR

(Num solução) — Eu não quero ver o meu próprio sangue!

MÉDICO

(Para a Enfermeira) — Manda entrar a seguinte!

NAIR

(Gritando) — Não, doutor, não!

MÉDICO

(Com irritação) — Ah, minha filha, você vai ter a santíssima paciência, mas a Madame não autorizou anestesia! Apanhe um lenço e prenda nos dentes pra não gritar. (para Glorinha) Dá um lenço a ela!

NAIR

Não posso mais!

GLORINHA

(Dá o lenço. Baixo, ao ouvido de Nair) — Morde o lenço!

MÉDICO

Quietinha!

GLORINHA

(Chorando também) — Não chora, meu bem!

ENFERMEIRA

(Que saíra, volta) — A água está acabando!

MÉDICO

(Atirando com o ferro cirúrgico) — Ora que pinóia!

ENFERMEIRA

Manda as outras embora?

MÉDICO

(Explodindo) — Ou você pensa que eu vou trabalhar sem água?

(Sai a Enfermeira. Volta o Médico à sua função)

GLORINHA

(Sôfrega) — Há perigo, doutor?

MÉDICO

Não amola você também! E que é que está fazendo aqui? Desinfeta, vamos, cai fora, cai fora!

GLORINHA

(Recuando) — Vou sim, vou... Aliás a minha situação... Adeus, Nair...

NAIR

(Meio delirante) — Não! Não!... Volta Glorinha, volta... Não quero ficar só...

MÉDICO

(Para Glorinha) — Mas vem cá! *(entre suplicante e ameaçador)* Não me comenta isso lá fora! Sou um homem de responsabilidade, um médico, afinal de contas e não é justo que eu sofra por causa das poucas vergonhas que vocês andam fazendo! Vai, vai, e olha: nem um pio!

(Cena iluminada em resistência. Glorinha recua, de frente para Nair, até à porta)

GLORINHA

(Antes de sair e com certa fascinação) — Quanto sangue!

NAIR

(Delirante) — Glorinha, eu não enxergo, foi embora... *(na embriaguez da agonia)* E quem me beijará se eu morrer e quando eu morrer?

MÉDICO

(Num berro) — Não fala em morte!

NAIR

(Delirante) — Quero que, lá em casa, continuem pensando que eu sou virgem...

MÉDICO

(Fora de si) — Ou você pára ou te bato na boca!

ENFERMEIRA

(Baixo) — Chamo a Assistência?

MÉDICO

(Atônito) — Que piada é essa?

ENFERMEIRA

Acho melhor chamar.

MÉDICO

(Num berro) — Está de porre?

ENFERMEIRA

(Violenta) — Não grita!

MÉDICO

Chamar a Assistência, engraçado! *(furioso)* Bonito, o meu nome nos jornais! E eu tendo que comparecer à polícia!

ENFERMEIRA

(Ressentida) — Você hoje está com seus azeites!

MÉDICO

Dobre a língua! Já lhe disse que não quero intimidades durante o serviço. Aqui me chame de doutor, percebeu? E vê se não me dá peso!

ENFERMEIRA

Não está satisfeito, manda embora! *(insolente)* E se ela morrer?

NAIR

Morre comigo, Glorinha...

MÉDICO

(Arquejante) — Aqui todo o mundo fala em morte. *(para Nair, histericamente)* Você não pode morrer no meu consultório! *(para a Enfermeira)* Imagine! Eu me sujar por causa de uma prostitutazinha! *(suplicante)* Se houver escândalo, com que cara vou aparecer perante a besta do meu sogro, que é metido a Caxias?

NAIR

Não quero morrer só... Doutor me salve, doutor!

MÉDICO

Essa bobalhona não pára de gemer! *(para a Enfermeira)* Põe gaze, entope isso de gaze! E vá escutando: se me denunciáres, já sabe, eu direi que és uma fazedora de anjos muito ordinária, direi que já mataste várias. Tenho tua ficha, não te esqueças!

NAIR

(Num gemido de homem) — Glorinha me paga...

(Assombrado diante do destino, o Médico está falando com uma calma intensa, uma apaixonada serenidade)

MÉDICO

Mas não adianta gaze, nem Pronto Socorro, nada!

NAIR

Não posso mais... Glorinha... Vamos morrer... Nós duas... Glorinha...

MÉDICO

(Tem nova explosão. Berrando) — Mas isso nunca aconteceu comigo, nunca! Não sei como foi isso! *(para a Enfermeira)* Reza, anda reza, ao menos isso, reza!

(A Enfermeira cai de joelhos, une as mãos no peito)

MÉDICO

(Berrando) — Não rezas?

ENFERMEIRA

Estou rezando!

MÉDICO

(Enfurecido) — Mas não reza só para ti! Pra mim também!
Eu quero ouvir! Anda! Reza, sua cretina!

*(A Enfermeira ergue-se e rompe a cantar um ponto espírita.
O médico soluça)*

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

(Casa de tio Raul. Em cena apenas tia Odete, esposa de Raul. Senhora taciturna, rosto inescrutável. De vez em quando ela pronuncia uma breve frase, sempre a mesma. Vive fazendo interminável viagem pelos cômodos da casa. Não se senta nunca.)

TIA ODETE

Está na hora da homeopatia!

(Tia Odete passa diante... Entra Glorinha, já de uniforme cáqui, pronta para ir ao colégio. Toma, na xícara grande, um resto de café com leite. Aparecem na porta, duas colegas de Glorinha — Cristina e Ceci)

CECI

(Da porta) — Glorinha!

GLORINHA

Oba! Entra!

CECI

E teu tio?

GLORINHA

Não está. Pode entrar. Entra!

CECI

Você já sabe?

GLORINHA

De quê?

CRISTINA

Não sabe?

GLORINHA

Estou no mundo da lua.

CECI

A Nair desapareceu!

GLORINHA

(Atônita) — Nair?

CRISTINA

Desapareceu e espia só: não dormiu em casa!

GLORINHA

Misericórdia!

CECI

(Animadíssima) — Ontem, não foi ao colégio, fez gazeta e sumiu!

CRISTINA

Espeto, minha filha, espeto!

GLORINHA

E o pai?

CECI

O pai? Sei lá? Deve estar subindo pelas paredes!

GLORINHA

Mas não dormir em casa eu acho o fim!

CRISTINA

Já telefonaram pra assistência, polícia, necrotério, o diabo!

CECI

O rádio está dando!

CRISTINA

Ou será que ela fugiu com algum cara?

CECI

Também pode ser desastre, suicídio, não é?

CRISTINA

Vem cá, Glorinha! Foste ontem ao colégio?

GLORINHA

(Transida) — Eu?

CRISTINA

Foste?

GLORINHA

Por quê?

CRISTINA

Não me lembro de ter-te visto!

CECI

(Intencional) — Ou você não confia na gente?

GLORINHA

Fiz gazeta, sim, mas olha: nem por um decreto meu tio pode saber. Veja lá, Cristina! E você também!

CECI

Mas, claro!

GLORINHA

Aliás, hoje, eu tenho um negócio às 11 horas, um lugar para ir... E que lugar! Mas não vou, nem por um decreto!

CRISTINA

Olha a hora!

GLORINHA

Ih, vamos chispando, antes que meu tio apareça! (*vai ver pastas, livros, cadernos*) Imagina: não dormiu em casa, hoje pela primeira vez! Nunca fez isso!

CECI

No mínimo andou-se esbaldando com alguma dona!

GLORINHA

Pois sim! Meu tio não é disso! É uma coisa fora do comum!

CECI

Vais-me enganar que ele não gosta de mulher?

GLORINHA

Não dá pelota!

CRISTINA

Um mascarado!

GLORINHA

(*Já fez tudo que tinha que fazer. Na sua pressa frívola, vai beijar a tia na testa*) — Até logo, titia, até logo!

TIA ODETE

(*Lenta e doce*) — Está na hora da homeopatia!

CECI

(*Estaca, como se, apesar de tudo, a loucura da outra a fascinasse. Com certo respeito*) — Que mágica besta: “Está na hora da homeopatia”...

(*Apesar da gíria, há em Ceci um certo medo e um certo encantamento. As outras já se adiantaram*)

CRISTINA

Vem!

CECI

(*Quase doce*) — Foi derrame, foi? O que me invoca é que ela não senta, não pára!

(*Encaminham-se as três para a porta, no justo momento em que entra, em sentido contrário, o tio Raul. Glorinha estaca e as outras também*)

GLORINHA

Ah, titio!

TIO RAUL

(*Sóbrio mas inapelável*) — Volta.

GLORINHA

(*Crispada*) — Por que, titio?

TIO RAUL

Você fica.

GLORINHA

(*Num sopro de voz*) — Eu não vou ao colégio?

TIO RAUL

Eu disse: fica!

GLORINHA

Mas hoje tem prova parcial!

TIO RAUL

Pois não vai não senhora. (*para as outras*) E vocês sumam!

CRISTINA

(*Em pânico*) — Com licença!

CECI

Até loguinho.

(*As duas passam por ele, de cabeça baixa, como se fugissem*)

TIO RAUL

(*Na sua ferocidade contida*) — Põe a pasta em cima da mesa. Agora fica assim, em pé, parada, que eu quero olhar os teus 16 anos.

GLORINHA

Mas titio, se eu não for hoje ao colégio, vou tirar zero!

TIO RAUL

Antes que eu me esqueça, você vai-me responder o seguinte: você foi ontem à aula? Eu poderia perguntar ao próprio colégio mas prefiro saber de ti. Foste?

GLORINHA

(*Atônita*) — Fui.

TIO RAUL

E juras por que ou por quem? Juras pela alma de tua mãe que foste, ontem, ao colégio?

GLORINHA

Pela alma de minha mãe?

TIO RAUL

(*Com certa veemência*) — Por tua mãe sim! Ela morreu quando tinhas dois anos, tu não a conhecestes, mas lhes tens amor ou medo? (*carinhoso, baixo*) Responde: gostas muito dessa mãe desconhecida?

GLORINHA

(*Dolorosa*) — Muito.

TIO RAUL

E juras por tua mãe? Que não fizeste gazeta?

GLORINHA

(*Lenta*) — Posso jurar.

TIO RAUL

Mas espera! Não jures ainda, porque é dela mesma, é de tua mãe, que vamos falar. (*muda de tom*) Que sabes tu de tua mãe?

GLORINHA

Bem, o senhor me disse que era bonita...

TIO RAUL

Sim. Bonita. E que mais?

GLORINHA

Disse também que era uma santa.

TIO RAUL

(*Excitado*) — Exatamente: santa. Uma santa que, aos 22 anos de idade, matou-se, quer dizer, tomou veneno. Muito bem. E se eu disser que menti? (*sôfrego*) Responde: queres saber quem foi tua mãe, tal como foi, queres? E saber porque se matou? Queres?

GLORINHA

(*Com fervor*) — Quero!

TIO RAUL

Que idade tens? 16.

(*Glorinha afasta-se lentamente. Como uma sonâmbula, coloca-se no plano do passado*)

TIO RAUL

Quando tu tinhas dois anos, e teus pais três de casados, ou nem isso, eu recebi um telefonema. Entre parênteses — corria um zunzum, naquela época, segundo o qual teu pai e tua mãe andavam brigando muito...

(*No plano do passado, acaba de aparecer o pai de Glorinha, Gilberto. Judite desfaz o rabo de cavalo*)

TIO RAUL

Teu pai teve um gênio muito violento. Judite era o teu retrato... A tua altura, o teu jeito, os teus olhos e, até o teu andar.

(*Pausa na narração, para que seja vivida a cena evocada. Marido e mulher adquirem vida e movimento. Gilberto agarra Judite*)

GILBERTO

Deixa eu te dar um beijo de estalo, no ouvido?

JUDITE

(*Eletrizada*) — Eu grito!

GILBERTO

Um só.

JUDITE

(*Debate-se nos braços de Gilberto, esganiçando o riso. Gritando*) — No ouvido não!

GILBERTO

(*No seu alegre desejo*) — Por quê?

JUDITE

(*Rindo e arquejando*) — Só de você falar espia como eu estou toda arrepiada! Não biinca assim! (*súbito, Gilberto agarra-a novamente. Esperneando e esganiçando a voz*) Eu faço um escândalo! (*Gilberto beija-a no ouvido — com agudíssimas gargalhadas*) Não, Gilberto. Não! (*é beijada na orelha*)

GILBERTO

Gostou?

JUDITE

(*Num soluço*) — Como é bom! Bom de mais!

GILBERTO

(*Arrebatado*) — Minha histórica!

JUDITE

(*Com voluptuoso apelo*) — Não me chame disso!

GILBERTO

(*Com divertido espanto*) — Ué, você queria ser fria?

JUDITE

Isola.

GILBERTO

(*Trincando os dentes*) — Gosto que sejas assim: meio histórica!

JUDITE

(*Rindo*) — Sou normal, ouviu, seu malcriado?

GILBERTO

(*Rindo*) — Normal mas custa!

JUDITE

Vem cá. Agora chegou a minha vez: você vai deixar eu te dar uma mordida.

GILBERTO

Não vale.

JUDITE

(*Sôfrega*) — Uma mordida aqui! (*puxa o próprio lábio inferior*)

GILBERTO

Não, senhora! E por que é que vocês mulheres gostam de morder?

JUDITE

(Desesperada) — Eu dou de leve, bem de leve!

GILBERTO

Não, seguro morreu de velho!

(No plano do passado Judite imobiliza-se; Gilberto retira-se de cena)

TIO RAUL

(Exasperado) — Pelo contrário, o casal mais feliz da família e, ainda por cima, só pensavam em sexo! *(muda de tom, arquejante)* E, um dia, eu sou chamado no escritório...

JUDITE

(Em desespero, ao telefone) — Alô! Alô! Quem fala? Por obséquio eu queria falar com Raul, ele está? Tenha a bondade de dizer que a cunhada dele, Judite, sim, Judite. Pois não. *(Fala ao mesmo tempo que olha para trás, num pavor absoluto. Na extremidade oposta do palco, e também no plano do passado, Raul)*

TIO RAUL

Pronto, Raul!

JUDITE

(Num solução) — Sou eu!

TIO RAUL

Ah, como vai, Judite?

JUDITE

(Fora de si) — Não posso falar muito, Raul. Toma um táxi e vem para cá, correndo.

TIO RAUL

Alguma novidade?

JUDITE

Só pessoalmente! Estou correndo perigo de vida, Raul! E você talvez não chegue a tempo! Até logo, até logo! *(desliga)*

GILBERTO

(Aparece na porta, em tempo de escutar as últimas palavras de Judite. Num berro triunfal) Até que enfim!

JUDITE

(Recuando e derrubando uma cadeira) — Que foi?

GILBERTO

Negas agora?

JUDITE

(Com esgar de choro) — Mas o quê?

GILBERTO

Negas que era teu amante?

JUDITE

(Num solução) — Juro!

GILBERTO

(Agarra-a pelos dois braços. Fala quase boca com boca) — Então quem era?

JUDITE

Engano.

GILBERTO

Sua cínica!

JUDITE

(Desprende-se com violência — gritando) — Eu não tenho amante!

GILBERTO

(Com humor hediondo) — Responde: era aquele cara da praia, que tu olhaste? Ou aquele do iate-clubes? Fala! Ou aquele da fila do Metro?

JUDITE

Não respondo!

GILBERTO

É a terceira vez que te encontro pendurada no telefone. A desculpa é sempre a mesma: engano. *(calcando as palavras)* Desculpa de adúltera! *(frenético)* Mas quero saber quem era e você vai-me dizer agora, neste minuto, um nome!

JUDITE

(Soluçando) — Eu menti!

GILBERTO

E confessas?

JUDITE

(Soluçando) — Não foi engano!

GILBERTO

Anda, o nome.

JUDITE

Raul.

GILBERTO

(Estupefato) — Quem?

JUDITE

(Violenta) — Raul, sim Raul! Eu estava falando com Raul!

GILBERTO

(Lento) — Mas é meu irmão e não o teu amante! Foi ele que telefonou para você?

JUDITE

Eu telefonei para ele, eu!

GILBERTO

(Atônito) — Mas por que? A troca de quê?

JUDITE

(Baixando a cabeça) — Não digo.

GILBERTO

Fala ou te arrebento!

JUDITE

(Por entre lágrimas) — Falei para Raul porque...

GILBERTO

Continua!

JUDITE

... Porque já não agüento mais e queria ver se ele, enfim, falava com você... Como Raul é a única pessoa no mundo que você respeita, talvez ele me possa salvar, quem sabe?

GILBERTO

(Quase chorando) — Tu o chamaste? E ele vem para cá?

JUDITE

Vem.

GILBERTO

Agora?

JUDITE

Está a caminho.

GILBERTO

(Desesperado agarra a mulher) — E lhe contaste alguma coisa? Contaste?

JUDITE

Não.

GILBERTO

(Suplicante) — Nada, nada?

JUDITE

(Num berro) — Nada!

GILBERTO

(Desfigurado pela cólera, fala, rosto a rosto, com a mulher) — E não lhe dirás nada. Ou antes: dirás, sim, mas tudo ao

contrário. Dirás que não houve nada e que, até, somos felicíssimos, que parecemos dois namorados.

JUDITE

Devo mentir?

GILBERTO

Ou tens escrúpulos, sua ordinária? *(está de frente para a esposa e de costas para a porta. Não vê quando Raul aparece)*

JUDITE

(Num sopro) — Chegou.

GILBERTO

(Vira-se lentamente. Falso e incerto) — Ora viva!

TIO RAUL

Como vai, Judite?

JUDITE

(Com sofrida cordialidade) — Assim, assim. E você, bem?

TIO RAUL

(Sóbrio) — Na luta.

GILBERTO

(Passa a mão nas costas de Raul. Com um riso grosseiro) — Imagina você que, de vez em quando, eu estou no emprego e, de repente, me dá uma saudade tremenda de Judite! Tenho que voar para casa. E te digo mais: a verdadeira lua-de-mel não acaba...

TIO RAUL

(Olhando um e outro) — Mas, finalmente, que foi que houve aqui?

GILBERTO

Houve como? Nada. Não houve nada. Por quê?

TIO RAUL

E você, Judite, está calada, não diz nada?

JUDITE

(Confusa e desesperada) — Eu? Bem, tenho andado meio indisposta e...

TIO RAUL

Só?

JUDITE

(Na sua angústia) — Que eu saiba, só.

TIO RAUL

Já que é assim, eu devo dizer a você o seguinte: tenho um defeito que não sei se é defeito. Sou muito franco, muito direto. Talvez me falte tato, é esse o termo: tato. E vou ser

mais uma vez franco, direto: ou você ou Judite me deve uma explicação. Um dos dois.

GILBERTO

Não entendo.

TIO RAUL

Vai entender. O caso é que eu estava no meu escritório e recebo um chamado. Venho correndo e vocês me dizem que não há nada. Ora, eu não sou criança!

GILBERTO

Mas chamado de quem?

JUDITE

Meu, Gilberto. Você não estava e, de repente, comecei a passar mal, a sentir palpitações, falta de ar. *(para Raul)* Ando muito nervosa ultimamente, uma pilha. *(para Gilberto)* Felizmente já estou melhor e você chegou...

TIO RAUL

Foi só o susto?

JUDITE

(Dolorosa) — Graças a Deus!

TIO RAUL

Antes assim. Neste caso, eu me vou.

JUDITE

(Desesperada) — Não!

GILBERTO

Judite!

TIO RAUL

Você está escondendo o quê? Fale, pode falar!

GILBERTO

(Melífluo e ameaçador) — Diga a Raul que você não está escondendo nada, diga!

JUDITE

(Soluçando) — Juro que não estou escondendo nada, Juro!

TIO RAUL

Ou não confia mais em mim!

GILBERTO

(Tem uma súbita explosão) — Não sabe nem mentir! *(para Raul, sôfrego)* Raul eu não queria que tu soubesses e pedi a Judite que te mentisse. Mas uma histórica não se controla. *(para Judite)* Agora sou eu que exijo, eu, que contes tudo!

TIO RAUL

Vocês brigaram?

JUDITE

(Desesperada) — Eu não quero acusar meu marido!

GILBERTO

(Violento) — Mas se tu não me acusas, eu te acuso! *(exultante, anda de um lado para outro, possesso, em largas passadas)* Raul, está vendo essa mulher? Dei-lhe sim, com as costas da mão na boca e aqui no ouvido! Ela virou por cima das cadeiras e eu te juro, Raul — tive vontade de matá-la!

TIO RAUL

(Estupefato, para a cunhada) — ele te bateu?

JUDITE

(Trancando os lábios) — Não sei.

GILBERTO

(Numa excitação tremenda) — Bem. Já conheces as razões de minha mulher. Agora, as minhas. Um marido que bate, tem suas razões.

JUDITE

(Enfurecida) — É mentira

TIO RAUL

Quais são suas razões?

GILBERTO

Uma única: ela me trai. Basta?

JUDITE

(Possessa) — Quero que minha filha morra leprosa se, algum dia, eu traí meu marido! *(agarrada ao cunhado)* Vou contar o que houve e não houve mais nada. Raul, sob minha palavra de honra: — um dia eu estava tomando banho, ele bateu na porta e eu não quis abrir. Por isso, me bateu, me xingou de todos os nomes!

GILBERTO

(Exultante — para o irmão) — Viste a falta de vergonha? Mulher é assim mesmo, tem prazer de contar a própria intimidade sexual!

TIO RAUL

Não tens outra prova além de um banho?

GILBERTO

(Frenético) — E achas pouco? Não vês que isso é o sintoma? O sintoma, Raul? *(na angústia de convencê-lo)* Presta atenção: antes, minha mulher não tinha vergonha de mim, nenhuma, nenhuma! Já no namoro houve entre nós o diabo! Casamos e, no dia seguinte, tomou banho comigo, Raul. Tomamos banho juntos!

JUDITE

(*Num protesto feroz*) — Basta!

GILBERTO

(*Para Judite*) — Foi você que começou. Agora vou até o fim. (*para Raul*) Durante dois anos, todo o santo dia, o banho em comum era sagrado! E, de repente, Raul, vê só: De repente, ela começa a ter vergonha de mim, pudor, Raul! Cortou o nosso banho — o banho que, durante anos, fora exigência dela mesma, Raul, dela própria! (*violento*) Isso queria dizer o quê? Mas claro: a mulher que passa a ter pudor do marido é porque tem outro, porque arranjou um amante! Ou não é?

TIO RAUL

Mas isso é um raciocínio monstruoso!

GILBERTO

Exato, raciocínio exato! (*fora de si*) Casei-me com uma marafona!

JUDITE

(*Enlouquecida*) — E eu com um canalha!

TIO RAUL

Gilberto, considero o que você está fazendo uma indignidade!

GILBERTO

(*Atônito*) — Não, Raul!

TIO RAUL

(*Para Judite*) — Você tem toda a razão, Judite. Eu, se tivesse de depor no tribunal, na polícia, em qualquer lugar, ficaria a seu lado e contra meu irmão. E vamos fazer o seguinte: depois que você foi espancada e que chamou seu marido de canalha, é óbvio, claro, que não pode haver mais nada entre vocês, nada! Isso tem que ser resolvido já. Você vai apanhar agora mesmo sua filha e vamos sair juntos.

JUDITE

(*Crispada*) — Para onde?

TIO RAUL

Para a casa de seus pais.

JUDITE

Sair para não voltar?

TIO RAUL

Mas evidente, para não voltar!

JUDITE

(*Recuando*) — Não quero.

TIO RAUL

Não vem comigo?

JUDITE

Eu fico!

TIO RAUL

(*Exasperado*) — Mas você mesma não o chamou de canalha?

JUDITE

Meu lugar é aqui!

TIO RAUL

(*Na sua cólera contida*) — Uma última pergunta: quero saber se você ainda gosta do homem que a chamou de marafona? Quero saber se ainda o ama.

JUDITE

(*Numa reação histérica*) — Amo! Amo! (*explode em soluços. Ao mesmo tempo, Gilberto grita, exulta*)

GILBERTO

(*Agarrando o irmão*) — Viste? (*sôfrego*) E, agora, acredita ou não que o banho foi um sintoma? (*apontando a mulher*) Dei-lhe na cara, bati no ouvido, mas fica. E fica porque traiu! Fica porque é adúltera! Não tem brio, nem para fugir. (*com um riso soluçante*) Ela nem gritou, Raul! Apanhou sem gritar! A inocente gritaria!

JUDITE

(*Alucinada*) — E grito, sim. (*gritando*) Eu sou inocente!

TIO RAUL

(*Sem cólera e com asco*) — Um merece o outro!

JUDITE

(*Desesperada*) — Mas, se eu for contigo, ele põe outra em meu lugar...

TIO RAUL

(*Saturado*) — Nesse caso, cessa a minha atuação e...

GILBERTO

(*Precipita-se para o irmão num apelo*) — Não vá, Raul! Ainda não!

TIO RAUL

(*Sóbrio e irredutível*) — Você é um crápula!

GILBERTO

(*Estende para o irmão as duas mãos crispadas*) E se eu te disser que estou doente? (*segurando o irmão*) Raul, não posso ficar entregue a mim mesmo, porque, te juro, sou capaz de matar minha mulher e de me matar. (*com um ricto de louco*) Ainda agora tive a sensação de que as mesas da casa, as mesas, vinham-me estrangular! (*aperta a cabeça*) E minha cabeça? São obscenos os miolos da minha cabeça! Eu olho e vejo os amantes de minha mulher. (*aponta as paredes*) Os amantes escorrendo como água nas paredes infiltradas... E quando tu chegaste, eu pensei que também tu desejarias minha mulher, que também acharias linda a minha mulher,

linda, linda, linda! (*num apelo selvagem*) Quero ser internado, Raul!

TIO RAUL

(*Atônito*) — Calma. Eu tenho um médico conhecido. Falo com ele amanhã.

GILBERTO

Não posso! Amanhã é tarde demais! Conheces alguma casa de saúde?

TIO RAUL

Para que?

GILBERTO

(*Num esgar de choro*) — Raul me leva, já, de táxi, Raul, ara uma casa de saúde, já!

TIO RAUL

(*Conciliatório*) — Não seria melhor, por exemplo... Psicanálise?

GILBERTO

Não, Raul! Quero um lugar em que eu possa gritar, onde eu seja amarrado materialmente! Psicanálise, não. Calmantes, eu quero calmantes! Ou, já sei: malária! Não acredito em psicanálise, mas acredito em febre! Quero que a febre queime os miolos da minha cabeça e, sobretudo isto: não quero pensar. (*num crescendo fanático*) Não quero, não quero, não quero! (*termina num soluço*)

TIO RAUL

Eu chamo o médico aqui, ele vem aqui.

GILBERTO

Não espero nem mais um minuto, vamos!

TIO RAUL

Eu te levo.

JUDITE

(*Sofrida*) — Um momento, Raul: eu quero beijar meu marido.

GILBERTO

(*Recua, numa crise violenta, num berro*) — Não! Teu beijo ainda tem a saliva do teu amante!

(*Saem, Raul e Gilberto. Trevas no plano da evocação. No plano da realidade atual, aparece Raul*)

TIO RAUL

(*Apenas informativo*) — Apanhamos um táxi na esquina. No caminho ele gritava...

(*No plano da lembrança, estendendo as duas mãos crispadas, Gilberto geme*)

GILBERTO

Odeio minha mulher e odeio minha filha porque é filha de minha mulher!

(*Gilberto imobiliza-se no plano da lembrança. Raul sozinho na realidade*)

TIO RAUL

Com a roupa do corpo, teu pai entrou na casa de saúde da Gávea...

(*Gilberto fala no plano da lembrança*)

GILBERTO

(*Crispado*) — Avisa que eu não quero ver ninguém! Nem mãe, nem mulher, nem irmão, nem amigo. Voltarei, se voltar, quando for outro homem. Não quero mais ser o que sou. (*enfurecido*) Quero ser louco em paz e só!

(*Trevas no plano da lembrança. Raul, no plano atual*)

TIO RAUL

Passou lá seis meses. Sabíamos notícias pelo telefone. Ninguém o visitou, nunca. Jamais houve na terra um homem tão só. E, um dia, eu telefonei...

(*Judite, no plano da lembrança, com gestos de quem faz sua toilette*)

TIO RAUL

... E lá me disseram: “Acaba de sair”. Mas não é possível! Saiu como? Teve alta? Assim tão de repente e sem avisar? Ah! Ele queria fazer uma surpresa? Compreendo... Surpresa...

(*Por detrás de Judite, sem que esta o perceba, acaba de aparecer Gilberto*)

GILBERTO

(*Na paixão contida*) — Linda!

JUDITE

(*Vira-se, rápida, em pânico*) — Gilberto!

GILBERTO

Minha carícia!

JUDITE

(*Recuando*) — Não avisou, por quê?

GILBERTO

(*Avançando*) — E o meu beijo? (*agarra Judite*)

JUDITE

(*Fugindo com o rosto*) — Cuidado com a minha pintura!

GILBERTO

(*Ainda contido*) — Como cheira bem!

JUDITE

(Com surda impaciência) — Vamos conversar.

GILBERTO

Primeiro o beijo!

JUDITE

Na face!

GILBERTO

(*Fora de si*) — Na boca, bem molhado, na boca, quero a boca, essa boca, anda!

JUDITE

Mas eu tenho que sair!

GILBERTO

(*Sem cólera e apenas espantado*) — Sair? E eu? Estou aqui, de novo. Não compreendes que eu voltei? Que é a minha ressurreição (*sôfrego*) Te lembras quando eu te pedia para pôr saliva em minha boca? (*no ouvido da mulher*) Eu quero beber na tua boca, vem!

JUDITE

(*Brusca*) — Espera um pouco!

GILBERTO

Esperar ainda?

JUDITE

Você não me avisou e eu assumi um compromisso. Paciência, meu filho!

GILBERTO

Mas Judite! Não percebes que não pode haver compromisso maior que a minha ressurreição? Ou tens medo de mim? Estou bom, tive alta, fiz malária, Judite!

JUDITE

(*Lenta e falsa*) — Infelizmente não posso faltar a esse compromisso!

GILBERTO

Com quem é esse compromisso?

JUDITE

(*Vacilando*) — Uma pessoa.

GILBERTO

É mais importante do que eu? Do que o nosso amor? Faz o seguinte: telefona, explica que eu cheguei, não custa!

JUDITE

Não é pessoa.

GILBERTO

Como?

JUDITE

(*Mais informativa*) — É promessa.

GILBERTO

Por mim?

JUDITE

Por ti.

GILBERTO

(*Num crescendo*) — Pela minha cura? Pela minha volta?

JUDITE

Mas claro!

GILBERTO

(*Num transporte*) — Sentias tanto a minha falta. Oh querida! (*apertando a esposa nos braços*) Perdoa a minha insistência! E não penses que eu estou zangado, irritado. Eu não me irritarei nunca mais, eu te juro! Agora me dá o beijo e vai, sim, vai! Beija!

JUDITE

Depois e, aliás, já estou em cima da hora, atrasadíssima. Até logo, até logo!

GILBERTO

Eu te espero

(Judite está um pouco afastada, da direção da porta)

GILBERTO

Vou-te beijar todinha, da cabeça aos pés!

JUDITE

(*Com falsa voluptuosidade*) — Não me provoca! (*afasta-se. O marido chama-a, pela última vez*)

GILBERTO

E olha!

JUDITE

(*Da porta*) — Fala!

GILBERTO

(*Com humildade*) — Deus te abençoe!

JUDITE

(*Frívola*) — Amém! (*sai*)

(*Gilberto apanha uma combinação rosa, que está em cima de uma cadeira. Passa a combinação no próprio rosto. Larga a combinação em cima da cadeira. Entra Raul*)

TIO RAUL

Mas que foi isso? (*abraçam-se com tremenda efusão*)

GILBERTO

E mamãe? O pessoal todo?

TIO RAUL

Você está com outra cara!

GILBERTO

A cara é o menos! Outra alma e te juro: eu sou outro, profundamente outro. *(com angústia)* E sabe por que é que enlouquecemos? Porque não amamos!

TIO RAUL

Quer dizer que a malária resolveu?

GILBERTO

Pode falar de minha doença à vontade que eu acho até graça. Bem, a malária deu certo, sim. E, aliás, não foi só a malária: sobretudo a vontade de viver para amar.

TIO RAUL

(Olhando em torno) — E tua mulher?

GILBERTO

Saiu agorinha mesmo, neste instante.

TIO RAUL

Como? Logo hoje, no momento em que você chega?

GILBERTO

Veja você que coincidência: cheguei quando Judite saía para fazer uma promessa, em minha intenção, é claro. Te digo: as mulheres são fabulosas. Por exemplo: esse negócio de promessa é um achado perfeito. Nós não fazemos promessas. *(eufórico)* O homem é um animal, positivamente.

TIO RAUL

Bem, eu também vou chegando, porque tenho que resolver uma parada. Passo amanhã por aqui.

GILBERTO

(Comovido) — Passa e traz todo o mundo.

(Trevas. Em seguida, ilumina-se a extremidade oposta. Aparece toda a família de Raul: a mãe, de preto, enchapelada, irmãos, tios. Raul vem falar no plano da realidade. Os outros permanecem imóveis, de perfil, cerimoniosíssimos)

TIO RAUL

Na manhã do dia seguinte apanhamos dois táxis e fomos, todos, para a casa de Gilberto.

(Luz sobre Gilberto e Judite. Ele, nu da cintura para cima, o rosto ensaboado, está fazendo a barba. Ao lado, Judite de quimono)

GILBERTO

Não deixa faltar guaraná.

JUDITE

E coca-cola. *(toma nota. Gilberto pára, um momento, de fazer a barba)*

GILBERTO

Não cortando tua conversa. Na casa de saúde, depois da malária, estive pensando o seguinte: nós estamos errados em muitas coisas. Queres ver um exemplo? Não damos importância ao beijo na boca. E, no entanto, vê se eu tenho razão *(com grave ternura)* o verdadeiro defloramento é o primeiro beijo na boca.

JUDITE

Santa Bárbara!... *(novamente frívola)* Sanduíches, quantos?

GILBERTO

Talvez uns oitenta?

JUDITE

Dá?

GILBERTO

E sobra.

JUDITE

Fica faltando o quê?

GILBERTO

Mais uns salgadinhos.

JUDITE

Ih, deixa eu tomar nota da mãe-benta!

TIO RAUL

(Chamando) — Não tem ninguém? *(fala do andar térreo)*

JUDITE

Raul.

GILBERTO

(Aproxima-se da imaginária escada) — Sobe, Raul!

TIO RAUL

Estou com o pessoal.

GILBERTO

Mamãe, que surpresa!

JUDITE

Esperávamos vocês mais logo.

GILBERTO

(*Eufórico*) — Mas é uma invasão completa.

MÃE

(*Cortante, para Judite*) — Não me beija, que eu estou resfriada.

VOZES

Estás mais gordo! Corado! Bem disposto!

GILBERTO

Ora, nós íamos fazer uma mesinha mais tarde!

JUDITE

Quer tirar o chapéu, D. Nieta?

MÃE

(*Formal*) — Estou bem assim! (*para Raul*) Fala, Raul!

TIO RAUL

Bem, Gilberto, nós queríamos conversar contigo.

GILBERTO

Comigo? Pois não. Alguma novidade?

MÃE

É assunto particular, meu filho.

JUDITE

Não posso ouvir?

TIO RAUL

Exatamente. É assunto que interessa a nós e a Gilberto e a mais ninguém.

JUDITE

Compreendo. Com licença. (*sai*)

GILBERTO

(*Desconcertado*) — Vem cá, Judite! (*Judite não atende*) Mas ela não pode ouvir, por quê?

TIO RAUL

Vamos lá para dentro!

(*Colocam-se todos na outra extremidade do Palco. Sentam-se em pequenos bancos. Só Raul e Gilberto estão de pé*)

GILBERTO

(*Com inquieta alegria*) — Quanto mistério!

TIO RAUL

Gilberto, o que nos traz aqui é o seguinte.

GILBERTO

Um momento. Eu vou vestir uma coisa qualquer... Volto já... (*sai*)

(*Cochichos entre os que ficam*)

TIO RAUL

(*Baixo*) — Observem os modos, as reações dele, observem! E depois digam se eu não tenho razão!

PRIMEIRO IRMÃO

O que eu sinto nele é uma bondade doentia, sei lá!

SEGUNDO IRMÃO

A malarioterapia é troço superado!

(*Gilberto com Judite*)

JUDITE

Você viu a atitude de seu pessoal?

GILBERTO

Vi e é por isso que estou aqui. Olha: não liga, meu anjo, não liga! O que interessa é que eu te amo e mais do que nunca! (*incerto*) Só acho que você está m pouco diferente, não sei. Ou é impressão?

JUDITE

(*Dolorosa*) — Impressão.

(*Gilberto mudou a camisa durante a conversa*)

GILBERTO

(*Ansioso*) — Ontem à noite eu não vi em você um abandono; você ainda resiste, Judite, como se duvidasse de mim. Eu te beijei no ouvido e tu não reagiste como antigamente e... (*com falsa euforia*) De qualquer maneira, te achei divina... Bem, deixa eu ir que estão me esperando... (*de longe faz a mímica correspondente*) Um beijo nessa boquinha.

JUDITE

Pra ti também.

(*Gilberto está com a família. Há um silêncio entre ele e os outros*)

GILBERTO

Parece um julgamento!

MÃE

Quem sabe?

TIO RAUL

(*Para os outros*) — Agora eu peço que não me interrompam. (*para Gilberto*) Hoje, bem cedinho, eu reuni toda a família para comunicar o que você vai saber neste momento. Aliás, o principal interessado é você mesmo. Trata-se do seguinte: quando você foi para a casa de saúde, eu comecei a observar

umas tantas coisas que me desagradaram. Finalmente, há um mês, fiz apenas o seguinte, vá escutando: paguei a um ex-investigador, meu conhecido, para acompanhar os passos (*elevando a voz*) de Judite!

GILBERTO

Por que de Judite? A troco de quê?

TIO RAUL

Já chegaremos lá. O fulano fez o diabo: espiou em buracos de fechadura, ouviu nas portas, meteu-se detrás de guarda-vestidos. No fim de vinte dias apareceu. Gilberto, a minha intuição estava certa. Hoje tenho aqui, comigo, tudo: nome, endereço, telefone e sei, inclusive, de vários detalhezinhos de alcova.

GILBERTO

Mas que é isso? Nome de quem? E que endereço?

TIO RAUL

(*Feroz*) — Do amante, percebeste? Do amante?

MÃE

Do amante de tua mulher!

PRIMEIRO IRMÃO

Falem baixo.

GILBERTO

Vocês estão falando de Judite?

TIO RAUL

Te digo, já, nome, profissão, residência, idade do amante. Queres?

GILBERTO

É mentira!

PRIMEIRO IRMÃO

Não gritem, que ela pode ouvir!

MÃE

Escuta o resto!

TIO RAUL

Ainda ontem, dia de tua chegada, ela teve a coragem de te largar aqui e, sob que pretexto? De uma promessa! E a promessa era o amante, o amante que a esperava (*muda de tom, arquejante*) Que dia era ontem? Sexta-feira. Muito bem: sexta-feira é um dos três dias da semana que ela se encontra com o amante.

GILBERTO

Acabaste?

TIO RAUL

Por quê?

GILBERTO

Quero que me responda: que interesse é esse? A mulher é minha ou tua? E por que odeias a quem traiu a mim e não a ti?

MÃE

Acreditas ou não?

GILBERTO

(*Num grito estrangulado*) — Não!

TIO RAUL

(*Possesso*) — Você resiste à evidência? Você recusa os fatos? Recusa as provas?

GILBERTO

Recuso! Eu não acredito em provas, eu não acredito em fatos e só acredito na criatura nua e só.

TIO RAUL

Mas é uma adúltera.

GILBERTO

A adúltera é mais pura porque está salva do desejo que apodrecia nela.

TIO RAUL

(*Para os outros*) — Vocês estão vendo? (*para Gilberto*) É essa a tua cara? Esse o resultado da malarioterapia?

GILBERTO

(*Veemente*) — Ouçam ainda! Não acabei!

TIO RAUL

(*Com achincalho*) — Vamos ouvir! Vamos ouvir!

GILBERTO

Na casa de saúde eu pensava: nós devemos amar a tudo e a todos. Devemos ser irmãos até dos móveis, irmãos até de um simples armário! Vim de lá gostando mais de tudo! Quantas coisas deixamos de amar, quantas coisas esquecemos de amar. Mas chego aqui e vejo o quê? Que ninguém ama ninguém, que ninguém sabe amar ninguém. Então é preciso trair sempre, na esperança do amor impossível. (agarra o irmão) Tudo é falta de amor: um câncer no seio ou um simples eczema é o amor não possuído!

SEGUNDO IRMÃO

Bonito!

PRIMEIRO IRMÃO

Que papagaiada!

TIO RAUL

(*Contido*) — E, finalmente, qual é a conclusão?

MÃE

(*Para si mesma*) — Meu filho não diz coisa com coisa...

GILBERTO

É que Judite não é culpada de nada! E, se traiu, o culpado sou eu, culpado de ser traído! Eu o canalha!

TIO RAUL

(*Segura Gilberto pelos braços e sacode-o*) — Tua cura é um blefe. A tua generosidade, doença! Agora sim, é que estás louco!

GILBERTO

(*Recuando*) — Vocês exigem o quê, de mim?

TIO RAUL

O castigo de tua mulher?

MÃE

Humilha bastante!

PRIMEIRO IRMÃO

Marca-lhe o rosto!

GILBERTO

Devo castigá-la eu mesmo? Na frente de vocês? (*com súbita exaltação*) Judite! Judite! (*para os outros*) Vocês vão ver! Vocês vão assistir! (*grita*) Judite! Judite!

JUDITE

(*Aparece, em pânico*) — Que foi, meu Deus do céu?

(*Silêncio geral. E, fora então, de si, o marido atira-se aos pés de Judite*)

GILBERTO

(*Num soluço imenso*) — Perdoa-me por me traíres!

JUDITE

(*Desprende-se num repelão selvagem*) (*apontando*) — Está louco!

GILBERTO

(*Sem ouvi-la*) — Perdoa-me!

JUDITE

(*Para a família*) — Não está em si! Eu não traí ninguém!

TIO RAUL

(*Para a família que se agita*) — Ninguém se meta! Ninguém diga nada! (*para a cunhada, caricioso e hediondo*) Pode falar, Judite! Quer dizer que você concorda conosco? Acha também que seu marido recaiu, digamos assim?

GILBERTO

Não responda, Judite!

JUDITE

Mas é evidente que está alterado... E, depois não tem cabimento: diz “Perdoa-me por me traíres”, ora veja!

TIO RAUL

E acha que ele deve ser internado, não acha Judite? Diga para a sua sogra, seus cunhados, diga Judite!

JUDITE

(*Crispada e com certa vergonha*) — Deve ser internado!

TIO RAUL

(*Rápido e violento*) — Vocês me ajudem!

GILBERTO

Mas que é isso?

(*Gilberto é seguro, primeiro por Raul e, em seguida, pelos outros. O doente esperneia e soluça*)

MÃE

Cuidado, não machuquem meu filho!

GILBERTO

Amar é ser fiel a quem nos trai!

TIO RAUL

(*Arquejante*) — É preciso! Você não pode ficar solto! (*para os outros*) Ponham num táxi e levem para a casa de saúde, já!

GILBERTO

(*Aos berros*) — Não se abandona uma adúltera!

MÃE

(*Chorando*) — Você vai ficar bom, Gilberto!

(*Saem Gilberto e os outros. Ficam Raul, D. Nieta e Judite*)

JUDITE

Eu não entendo porque os médicos deram alta!

TIO RAUL

(*Está de costas para ela*) — Judite, por obséquio, quer trazer um copo de água?

JUDITE

Mineral ou do filtro?

TIO RAUL

Do filtro. Meio copo basta.

(*Judite sai de cena*)

MÃE

(No seu ódio, acompanhando-a com o olhar) — Como é limpa, como é cheirosa! Imagina tu que ela própria me disse que fazia a higiene íntima três vezes por dia, se tem cabimento! Tanto asseio não havia de ser para o marido, duvido!

TIO RAUL

(Saturado) — Mamãe, o problema não é esse, mamãe. Eu resolvo tudo, pode deixar. E saia um momento; espera lá fora, sim mamãe?

MÃE

Humilha, ofende, mas sem violência. Violência, não. Nada de bater.

(Sai. Judite reaparece com o copo de água. Raul apanha o copo)

JUDITE

Isso me estragou o dia.

TIO RAUL

Obrigado, Judite. Estragou o dia, acredito. Primeiro vou adicionar isso aqui... *(está pondo um pozinho)* um marido internado é muito repousante... *(sóbrio e inapelável)* Agora, toma!

JUDITE

(Recuando) — Para mim?

TIO RAUL

Segura!

JUDITE

(Está com as mãos para trás) — Mas que é isso?

TIO RAUL

(Ainda contido) — Adivinha!

JUDITE

(Com esgar de choro) — Remédio?

TIO RAUL

Veneno.

JUDITE

(Com voz estrangulada) — Você enlouqueceu?

TIO RAUL

Estou no lugar do irmão louco. Negas que tens um amante?

JUDITE

Nego. E você não é meu marido!

TIO RAUL

Te direi um detalhe, um detalhe só, e verás que é inútil mentir. *(com um riso estrangulado)* É verdade ou não que teu amante exige que lhe digas pornografia? *(exultante)* E não te contarei como soube disso, não! Talvez espiando no buraco da fechadura, ou ouvindo nas portas! *(corta o riso vil)* Agora confessa a mim, antes de morrer: tens um amante?

JUDITE

(Com um riso soluçante) — Um amante? Um só? Sabes de um e não sabes dos outros? *(violenta e viril)* Olha: vai dizer a tua mãe, a teus irmãos, às tuas tias — fui com muitos, fui com tantos! *(subitamente grave e terna)* Já me entreguei até por um *bom-dia!* E outra coisa que tu não sabes: adoro meninos na idade das espinhas!

TIO RAUL

(Num soluço) — Ou te matas ou te mato! Bebe!

JUDITE

(Mudando de tom, quebrando a voz num soluço) — Eu me arrependo do marido, não me arrependo dos amantes! *(apanha o copo que vai levando à boca, lentamente. Enrouquecida.)* — Minha filha!

(Judite bebe de uma só vez. Em seguida larga o copo que se estilhaça no chão. Cai de joelhos, com as entranhas em fogo e tem um gemido grosso, de homem. Ainda agoniza quando o exausto Raul vai encontrar-se com a mãe)

MÃE

Passaste-lhe uma boa descompostura?

TIO RAUL

(Exausto de odiar e quase doce) — Ela não trairá nunca mais...

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

(Raul acaba de contar, para Glorinha, a história de Judite. Vai passando tia Odete que, por um momento, estaca e diz a sua frase de sempre).

(Na sua doçura triste) — Está na hora da homeopatia! *(e passo adiante, mas, na sua ausência, sua sombra é projetada no fundo do palco)*

TIO RAUL

(Para Glorinha) — Então, eu respondi: “Ela não trairá nunca mais”!

GLORINHA

E morreu? Mamãe morreu?

TIO RAUL

Morreu.

GLORINHA

Não foi suicídio?

TIO RAUL

(Batendo no peito) — Eu a matei! Eu! E olha: ninguém sabe, ninguém! Inclusive minha mãe, meus irmãos, pensam até hoje que foi suicídio! *(baixo, com um meio riso hediondo)* *(Cresce)* Mas o assassino está aqui e sou eu, o assassino! *(arquejando)* Segurei a alça, fui ao cemitério e, à beira do túmulo, derramei uma colher de pétalas em cima do caixão. Vê tu?

(Pausa)

GLORINHA

Eu?

TIO RAUL

Não dizes nada?

GLORINHA

(Num soluço) — Nada!

TIO RAUL

(Segura Glorinha pelos dois braços e sacode-a, gritando) — Mas eu sou o assassino! É impossível que não tenhas nada a dizer ao assassino de tua mãe!

GLORINHA

Nada! *(vira o rosto)*

TIO RAUL

E viras o rosto?

GLORINHA

(Num brusco lamento) — Está-me machucando!

TIO RAUL

(Imperativo) — Gosto que falem para mim!

GLORINHA

Estou olhando!

TIO RAUL

(Com violência) — Responde: o que sentes por mim, agora, neste momento? E o que sentias antes? O que sentiste, sempre, responde?

GLORINHA

Não sei.

TIO RAUL

Sabes! Tu me odeias? É ódio? Quero saber: tens ódio de mim? *(pausa)* Ou é medo? Sim, claro: sempre tiveste medo de mim, não é verdade? Eu te inspiro medo?

GLORINHA

Respeito.

TIO RAUL

(Num berro) — Mentira!

GLORINHA

(Num soluço) — Juro!

TIO RAUL

(Atônito) — Nem amor, nem ódio, nem respeito: medo, apenas! Agora e sempre o medo! *(com surdo desespero)* Mas se não respondes, se não dizes nada, hás de querer saber porque eu te contei tanto, porque eu te contei tudo! Sim, sua cachorrinha, o que eu não disse a minha mãe, o que eu não diria a meus irmãos, a ninguém, eu disse a ti! *(violentamente)* E por quê? *(com um meio riso soluçante)* Eu te darei a explicação *(Atônito)* — Nem amor, nem ódio, nem respeito: medo, apenas! Daqui a pouco... Primeiro responde: tens visto a Nair?

GLORINHA

(Crispada) — Nair?

TIO RAUL

(Com falsa naturalidade) — Sim, exato, Nair, essa que vinha aqui, que deixou de vir, Nair, perfeitamente. Tens visto?

GLORINHA

Por quê?

TIO RAUL

(Berrando) — Tens visto?

GLORINHA

Não.

TIO RAUL

Nem ontem?

GLORINHA
Nunca mais!

TIO RAUL
(*Dispara as perguntas*) — Vocês eram amigas?

GLORINHA
Nem tanto.

TIO RAUL
Ou eram?

GLORINHA
Pelo contrário.

TIO RAUL
(*Cortante*) — Morreu.

GLORINHA
(*Atônita*) — Quem?

TIO RAUL
(*Exultante*) — Nair, essa mesma, que vinha aqui, que deixou de vir, morreu. Está satisfeita?

GLORINHA
(*Desesperada*) — Não pode ser!

TIO RAUL
(*Mudando de tom*) — Ontem eu estava aqui na minha casa, muito bem, quando bate o telefone. A tendo: era alguém que eu nunca vi mais gordo e que me chamava com urgência. Fui e veja você: era um ginecologista que te conhece.

GLORINHA
A mim?

TIO RAUL
A ti!

GLORINHA
Mas, e o nome dele?

TIO RAUL
Ou nunca foste a um ginecologista?

GLORINHA
(*Com medo selvagem*) — Nunca!

TIO RAUL
(*Com riso ignóbil*) — A inocente! (*muda de tom. Violento*)
Por que mentes?

GLORINHA
Palavra de honra, titio!

TIO RAUL
(*Arquejante*) — Mas não importa que mintas. Aos dois anos de idade já mentias. E te digo mais, toma nota: (*com um novo riso*) deves mentir, agora podes mentir, mente, anda!

GLORINHA
E seu eu jurar?

TIO RAUL
(*Fora de si, berra para a sobrinha*) — Eu te ordeno que mintas!

GLORINHA
(*Soluçante*) — Eu não menti!

TIO RAUL
Ah, não? Mas o médico me descreveu o teu tipo exatamente...

GLORINHA
(*Interrompendo*) — De palpite! Pode crer! Foi de palpite!

TIO RAUL
(*Arquejante*) — Palpite... O miserável batia com a cabeça nas paredes e queria que eu lhe cuspsisse na cara... Mas Nair... Me contou tudo antes de morrer, tudo, sua descarada!

GLORINHA
A Nair?

TIO RAUL
Ia morrendo e contando!

GLORINHA
(*Violenta*) — Titio, é mentira, titio, não acredite! Nair é que não presta, nunca prestou! É falsa, titio! Tão falsa! Menina sem pudor nenhum, nenhum e posso-lhe provar! Ficou com raiva, ódio de mim, porque queria morrer comigo e eu recusei, sim!

TIO RAUL
Falas assim de uma amiga que acaba de morrer?

GLORINHA
Não era minha amiga!

TIO RAUL
(*Com sofrido espanto*) — Se tu visses a hemorragia!

GLORINHA
Quería-me levar para lugares que só o senhor vendo!

TIO RAUL
(*Agarra Glorinha. Decisivo*) — Vem cá e responde!

GLORINHA
Me oferecia até dinheiro, titio!

TIO RAUL

Responde, olhando para mim, assim: Nair não tinha pudor, e tu?

GLORINHA

Eu?

TIO RAUL

Tiveste pudor algum dia? E quando?

GLORINHA

Eu tenho pudor!

TIO RAUL

Mas então explica: naquele carnaval, que eu passei fora, tu foste ou não foste...

GLORINHA

Não!

TIO RAUL

...Ao apartamento de um degenerado, com a fantasia em cima da pele? Lá te puseram lança-perfume até na boca! E depois, te arrancaram a fantasia, ou estou mentindo? Quero a verdade e você vai-me dizer a verdade! Fala!

GLORINHA

Mentira de Nair!

TIO RAUL

Nem foste a uma casa assim, assim, só para deputados? Uma casa de meninas de família? *(com uma doçura hedionda)* Não estiveste, lá, com um deputado? Ninguém mente na hora da morte e Nair mentiu?

GLORINHA

Mentiu!

TIO RAUL

Ou a mentirosa és tu?

GLORINHA

Ela!

TIO RAUL

E outra coisa: por que falas tão pouco, porque quase não falas, por que dizes apenas “sim” e “não”, por que finges e por que prendes os lábios?

GLORINHA

(Fora de si) — Não sei!

TIO RAUL

E como não falas nunca, a conclusão é que sou muito curioso de ti, de tua alma, de tudo que não dizes, de tudo que não confessa. *(exasperado, virando-se na direção de dia Odete)* Porque eu estou farto de silêncio, farto de coisas não ditas. E não és só tu: minha mulher também.

TIA ODETE

(com sua grave ternura) — Está na hora da homeopatia!

TIO RAUL

Não fala, ou antes: repete uma frase, vive e sobrevive por causa de uma frase! *(com surdo sofrimento)* Mas talvez seja tão falsa como tu, na sua loucura de silêncio! Talvez me odeie como tu odeias! E eu só queria saber o que ela não diz, o que ela não confessa! *(e, súbito, começa a rir, em crescendo. Corta o riso)* *(já sem excitação)* Passei esta noite em claro, vendo uma hemorragia. Estou cansado e com sede! *(lento, sem desfitá-la)* Vai buscar um copo de água. *(pausa)* Não ouviste? Tenho sede. Vai buscar um copo de água.

GLORINHA

(Recuando) — Não.

TIO RAUL

(Caricioso e ignóbil) — Tens medo? Medo de quê?

GLORINHA

(Chorando) — Eu não fiz nada titio!

TIO RAUL

Mas se tens medo, por que não gritas?

GLORINHA

Não quero.

TIO RAUL

Ou, então, por que não corres?

GLORINHA

(Soluçando) — Não sei.

TIO RAUL

Mas eu sei: não corres, nem gritas, porque me pertences. Porém te aviso: se correres ou se gritares, eu estou armado e te mato a bala, experimenta! *(rindo)* E compreendes agora porque eu contei a história de tua mãe? *(os dois estão falando surdamente, rosto com rosto)* *(baixo)* Porque vocês duas se parecem como duas chamas e vão ter o mesmo destino, Glória!

GLORINHA

(Baixo também) — Não quero morrer!

TIO RAUL

(Exultante) — E todos dirão que foi suicídio!

GLORINHA

(Soluçando) — Eu quero viver! *(vai aos pés do tio, abraça as suas pernas)* Perdoa, titio!

TIO RAUL

(Displícite e irônico) — Perdoar o que, se não confessaste nada? Se negas tudo? Levanta! *(ajuda Glorinha a erguer-se)* Queres mesmo viver e farias tudo para viver?

GLORINHA

(*Feroz*) — Tudo!

TIO RAUL

Escura: há uma única hipótese de salvação para você!

GLORINHA

(*Feroz*) — Oh, graças!

TIO RAUL

Mas espera! É o seguinte: eu te perdoaria a vida se me contasses tudo. Eu quero saber quem és. Eu sempre te julguei uma coisa e vejo que és outra. Sempre te julguei, sabes quê? Uma menina sem sexo, isso mesmo, — uma menina sem sexo. Eu não admitia nunca que, até aos 16 anos, tivesses tido um desejo, jamais. E, de repente, alguém me diz que há, em ti, uma deformação monstruosa. Eu quero saber se és uma coisa ou outra. Nada sei de ti, nada de tua alma, ou por outra: sei de ti o que a Nair me contou. Agora quero a tua própria confissão. E se disseres tudo, absolutamente tudo, eu te perdôo a vida. Aceitas assim?

GLORINHA

Aceito.

TIO RAUL

Ótimo. Vamos começar: tu me odeias?

GLORINHA

(*Vacilando*) — Não.

TIO RAUL

(*Exasperado*) — Não odeias o assassino de tua mãe?

GLORINHA

(*Fora de si*) — Não!

TIO RAUL

(*Possesso*) — Sua mentirosa!

GLORINHA

(*Têm uma explosão*) — Pois odeio, pronto, odeio!

TIO RAUL

Ótimo; odeias...

GLORINHA

Odeio.

TIO RAUL

(*Ofegante*) — Mas não basta... Quero sentir a espontaneidade, que nunca tiveste. Ainda estás inibida — o medo ainda te domina, o medo. Responde: para salvar tua vida, tu me xingarias?

GLORINHA

Ao senhor?

TIO RAUL

A mim!

GLORINHA

Mas, por quê?

TIO RAUL

Pelo seguinte: se me xingares, terás espontaneidade. É preciso acima de tudo espontaneidade... Anda, xinga!

GLORINHA

Mas eu não sei, titio!

TIO RAUL

(*Enfurecido*) — Como não sabe? Sabe, sim! Por acaso, nunca ouviste um nome feio? Ou nunca disseste um nome feio?

GLORINHA

Não.

TIO RAUL

(*Violento*) — Ou preferes morrer? Porque eu te mato, Glória, como matei a sem-vergonha da tua mãe! (*quase doce*) Vem, eu te ensino. Por exemplo: me chama de canalha. Vamos, diz: canalha!

GLORINHA

(*Num sopro de voz*) — Não tenho coragem!

TIO RAUL

(*Exasperado*) — Mas sou eu que estou mandando!

GLORINHA

(*Chorando*) — Isso não, titio!

TIO RAUL

(*Furioso*) — Ah, não dizes? Não queres dizer? (*súbito a esbofeteia. Glorinha, debaixo de bofetadas, recua circularmente*)

GLORINHA

(*Aos soluços*) — Pelo amor de Deus, titio!

TIO RAUL

Diz ou não diz?

GLORINHA

Digo. (*tio e sobrinha estão rosto com rosto*)

TIO RAUL

Estou esperando.

GLORINHA

(*Baixo*) — Canalha...

Mais alto!

TIO RAUL

Canalha!

GLORINHA

Grita!

TIO RAUL

GLORINHA
(*Num berro selvagem*) — Canalha! (*cai de joelhos, soluçando*)

TIO RAUL
(*Arquejante e aplacado*) — Muito bem: já chamaste de canalha o tio que, até há um minuto, era sagrado, o tio sagrado, o grande tio, o tio que era mais do que um pai, quase um Deus... (*faz a menina erguer o rosto*) E, agora, podes dizer tudo, Glória, é verdade o que a Nair contou?

GLORINHA
(*Num soluço*) — Tenho tanta pena de Nair!

TIO RAUL
Não interessa Nair! (*num berro*) E por que choras? Enxuga as lágrimas, anda, enxuga! (*encarniçado*) Eu te quero cínica, bem cínica, bem ordinária, sobretudo ordinária! Nada de atitudes de menina de família! (*Glorinha já enxugou as lágrimas*) Estiveste, ontem, na tal casa de meninas?

GLORINHA
Sim, estive.

TIO RAUL
Agora, presta atenção, que é importante: — o que houve entre você e o deputado? Conta a verdade, Glória, não me esconda nada, absolutamente nada. Quando vocês ficaram sós no quarto...

GLORINHA
Era sala.

TIO RAUL
Ou sala. Mas... Por que sala? E na frente de todo mundo?

GLORINHA
Não tinha ninguém, só nós dois.

TIO RAUL
O que foi que ele te fez? Te abraçou? Te beijou?

GLORINHA
Não tocou em mim!

TIO RAUL
Como não tocou em ti?

GLORINHA
Ficou só de longe, gritando, mas sem chegar perto!

TIO RAUL
(*Na sua incredulidade indignada*) — Nem ao menos tiraste a roupa? Ficaste nua? Nua?

GLORINHA
Era velho, gagá...

TIO RAUL
(*Num berro*) — Chega! (*agarrando-a*) Ou pensas que eu acredito? Já me iludiste muito e basta! Só sabes mentir!

GLORINHA
Bem: eu menti, sim, é mentira... eu...

TIO RAUL
Continua!

GLORINHA
Tirei a roupa e não era gagá, não... Devia ter a idade do senhor...

TIO RAUL
(*Num esgar de choro*) — A minha?

GLORINHA
Uns 48 anos, talvez.

TIO RAUL
(*Passa a mão nos cabelos da pequena*) (*num soluço estrangulado*) — Quando eu me lembro que te vi nascer, que te segurei no colo, que te criei! (*muda de tom*) Mas se ele tinha minha idade...

GLORINHA
Parecido com o senhor!

TIO RAUL
Comigo?

GLORINHA
Com o senhor. (*estão falando baixo. Esboça uma carícia por cima da cabeça do tio*) Só que tinha mais cabelos brancos. O senhor quase não tem cabelos brancos. Um ou outro.

TIO RAUL
(*Atônito*) — Não era esse velho, nosso vizinho? A Nair me disse que era.

GLORINHA

(*Sem ouvi-lo e falando baixo*) — Pensei tanto no senhor, mas tanto!

TIO RAUL

(*fora de si, afasta-se, trôpego, da sobrinha. Fica falando de costas sem virar-se*) — Te pagaram? Recebeste dinheiro?

GLORINHA

Ficou para hoje e o homem quer que eu volte às 11 horas.

TIO RAUL

(*Vira-se assombrado, Precipita-se para a sobrinha. Desesperado*) — Quer que voltes, e tu? (*muda de tom*) Agora responde: se eu não soubesse de nada, tu voltarias lá? Ou por outra: se eu te perdoar a vida, tu voltarás lá, às escondidas?

GLORINHA

(*Vacilante*) — Não.

TIO RAUL

Mentira! Quero a verdade! Tua vida depende da verdade! Fala!

GLORINHA

Quer mesmo saber?

TIO RAUL

Tudo.

GLORINHA

(*Violenta*) — Pois bem; depois do que eu sei, eu voltaria, sim, hoje às 11 horas e sempre. Para me vingar do senhor.

TIO RAUL

Por ora me chama de você.

GLORINHA

(*Viril*) — Para me vingar de você. Dos outros, de todos. Dos meus tios. De minha avó. E por você, o que eu sinto, é nojo.

TIO RAUL

(*Sardônico*) — Nojo de mim, perfeitamente, e que mais?

GLORINHA

(*Exausta*) — É só.

TIO RAUL

(*Triunfante*) — Acabaste, então? E não precisas acrescentar mais nada. Disseste tudo, tudo o que eu queria saber, tudo! (*começa a rir, em crescendo. Glorinha recua, apavorada*)

GLORINHA

Mas foi você quem mandou dizer tudo!

TIO RAUL

E me chama outra vez de senhor!

GLORINHA

Chamo sim! (*num berro*) O senhor prometeu, titio! (*tio Raul vai apanhar um copo de água*) (*Glorinha frenética*) E eu menti! E eu menti! O Deputado era velho sim, e gagá! E não tirei roupa nenhuma! E ele não me tocou, não pôs a mão em mim!

TIO RAUL

(*Está pondo um pozinho no copo*) — Tens muito nojo de mim?

GLORINHA

Do senhor não! Nojo do deputado, do Pola Negri, nojo de Madame Luba, do senhor, não, titio, juro, eu gosto do senhor!

TIO RAUL

(*Estendendo-lhe o copo*) — Toma.

GLORINHA

(*Está de mãos nas costas. Fora de si*) — Eu não voltaria lá, nunca! Fui ontem porque Nair pôs na minha cabeça que eu devia ir!

TIO RAUL

(*Caricioso e ignóbil*) — Segura!

GLORINHA

(*Fascinada*) (*apanha o copo*) — E se eu não beber?

TIO RAUL

Ou tu morres pelas próprias mãos ou eu te mato!

GLORINHA

(*Lenta*) — Se eu devo morrer, então eu quero um beijo! Um beijo!

TIO RAUL

Tu me odeias e eu te odeio!

GLORINHA

(*Aproxima-se do tio*) — Antes de morrer quero ser beijada!

TIO RAUL

Não me odeias?

GLORINHA

Com o deputado eu só pensava no senhor... Agora me beija... (*tio Raul ruça os lábios na testa de Glorinha*) Na boca!

TIO RAUL

(*Num estrangulado soluço*) — Já te beijei!

GLORINHA

Quero na boca. (*vira-se e vai pôr o copo em cima de um móvel. Volta e aproxima o resto do tio*) Primeiro me abraça!

TIO RAUL

(*Magnetizado, obedece. Abraça a sobrinha*) — Maldita! (*há um beijo frustrado*) (*tio Raul sôfrego*) Não fecha a boca. Beija-me abrindo a boca. Mas tu sabes. Eu sei que tu sabes

beijar, que não é a primeira vez... Beija-me como beijaste os outros...

(Há um novo beijo, com desesperado amor)

GLORINHA

E agora que o senhor me beijou, perdoa, titio!

TIO RAUL

Perdoar?

GLORINHA

(Num solução) — Quero viver, titio!

TIO RAUL

(Selvagem) — Então o beijo foi uma mentira, outra mentira, só sabes mentir? Beijaste para te salvar? Foi medo?

GLORINHA

(Desesperada) — AMOR!

TIO RAUL

Ou ódio?

GLORINHA

Te amo.

TIO RAUL

(Com um esgar de choro) — A mim?

GLORINHA

Sempre.

(Por um momento, tio Raul passa a mão por trás da cabeça da sobrinha e contempla o seu rosto. Por fim, ele a empurra)

TIO RAUL

Esta foi tua última mentira na terra!

GLORINHA

(Agarra-se ai tio) — Posso fazer também o meu último pedido na terra?

TIO RAUL

Fala.

GLORINHA

Já que eu devo morrer, não quero morrer sozinha como Nair, que morreu tão só. *(baixo e suplicante)* Morre comigo, junto comigo! *(soluçando)* Juro que não teria medo de morrer contigo!

TIO RAUL

Morrer os dois? Nós dois?

GLORINHA

Seria lindo! E eu sei que você me ama! Não ama?

TIO RAUL

Primeiro respondo: ficaste nua para o deputado?

GLORINHA

Não, titio!

TIO RAUL

(Num imenso soluço) — Mas se for mentira, eu te amo assim mesmo, te amo, te amo!

(De vez em quando tia Odete passa pela cena. E quando está ausente, sua sombra, engrandecida, é projetada no fundo do palco, andando de um lado para o outro)

TIO RAUL

E, já que vamos morrer, Glória, podemos dizer tudo, um ao outro, não precisamos esconder, nem calar, podemos soltar todos os gritos, todos. *(violento, apontando para a sombra de tia Odete)* Só quem não fala é aquela ali, a louca do silêncio! Fala, Glória! porque podemos falar!

GLORINHA

(Trincando os dentes) — Velho!

TIO RAUL

(Atônito) — Que mais?

GLORINHA

Gagá!

TIO RAUL

(Com surdo sofrimento) — Continua...

GLORINHA

(Está rindo em crescendo. Às gargalhadas, aponta o tio) — Parece o deputado!

TIO RAUL

(Desesperado) — Eu?

GLORINHA

Tu!

TIO RAUL

(Segura a sobrinha pelo pulso) — Te parto a cara!

GLORINHA

CANALHA!

TIO RAUL

(Soltando-a) — Mas não te farei nada, nada! Escuta, Glória, antes de morrer, escuta! Conte a história de tua mãe, porém não te disse que a amava, que sempre a amei. Ainda agora, neste momento, eu a amo. *(berrando)* Eu matei a mulher, a cunhada que me repeliu e porque me repeliu *(agarra novamente Glorinha — num soluço imenso)* — JUDITE!

GLORINHA

Não sou Judite!

TIO RAUL

(*Atônito*) — Então quem és?

GLORINHA

Glória!

TIO RAUL

(*Num lamento*) — És Glória, não és Judite?

GLORINHA

Judite morreu!

TIO RAUL

(*Sem ouvi-la, delirante*) — Judite, quando eu te fiz beber o veneno e caíste de joelhos, com as entranhas em fogo, eu te segurei pelos cabelos, assim, Judite! (*e de fato agarra Glorinha pelos cabelos*) Vi que ia morrer o corpo beijado por tantos, nunca beijado por mim! foste minha agonizando, querida! Pela primeira vez, minha! Cerraste os lábios, para o meu beijo... Mas nem teu marido, nem teus amantes, ninguém te beijou na hora em que morrias, só eu!

GLORINHA

Assassino!

TIO RAUL

(*Num meio sorriso soluçante*) — Eu já não sabia se teu soluço era agonia ou volúpia, Judite...

GLORINHA

(*Exasperada*) — Sou Glorinha!

TIO RAUL

Oh, Judite, possuída por muitos só amada por mim! (*está falando rosto a rosto com Glorinha*).

GLORINHA

(*Violenta*) — Basta de falar de minha mãe!

TIO RAUL

(*Voltando, lentamente, à realidade*) — Tua mãe... (*pausa*) (*num esgar de choro*) Está chegando o momento em que devias estar na casa das meninas! (*trôpego vai buscar o copo*)

GLORINHA

Anda como o deputado!

TIO RAUL

(*Está apanhando o copo. De costas*) Insulta! (*De frente, agora, empunhando o copo, com a mão que treme*)

GLORINHA

Treme como o deputado! (*vem tio Raul ainda trôpego*)

TIO RAUL

Pronto, Glorinha!

GLORINHA

Já não sou Judite?

TIO RAUL

(*Indica o copo em cima do móvel*) (*mais velho do que nunca*) — Segura, Glorinha... Vamos beber... no mesmo copo... mas antes de morrer... diz... ficaste nua para o deputado?

GLORINHA

(*Segura o copo*) — BEBE!

TIO RAUL

Tu me amas?

GLORINHA

Te amo!

TIO RAUL

Glorinha, eu te criei para mim. Dia e noite, eu te criei para mim! Morre pensando que eu te criei para mim!

(*Os dois levam o copo aos lábios, ao mesmo tempo. Tio Raul bebe de uma vez só. Glorinha ainda não bebeu. Tio Raul cai de joelhos, soluçando*)

TIO RAUL

(*Num apelo*) — Bebe! MORRE COMIGO! (*num grosso gemido*)

(*Na sua ferocidade, Glorinha atira-lhe no rosto o conteúdo do copo*)

TIO RAUL

JUDITE...

(*Fora de si Glorinha corre ao telefone. Tio Raul ainda se arrasta*)

GLORINHA

(*Discando, em seu desespero*) — Pola Negri! Sou eu, Pola Negri! Glorinha! Bem obrigada. Olha eu vou sim, avisa à Madame e ao deputado que eu vou. Meu tio... não se opõe... concorda... de forma que está tudo azul. Bye Bye.

(*Tio Raul agoniza. Consegue erguer-se, num último esforço. Mas acaba rolando no degrau. Glorinha corre, abre a porta e desaparece. Tia Odete, que vinha passando, estaca. Caminha lentamente para o marido morto. Senta-se no degrau. Pousa a cabeça de Raul em seu regaço.*)

TIA ODETE

(*Na sua doçura nostálgica*) — Meu amor!

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO

www.oficinadeteatro.com

www.oficinadeteatro.com